BRASIL GERSON

# TIRADENTES

## herói popular

EDIÇÕES HORIZONTE

# TIRADENTES
# HERÓI POPULAR

HISTÓRIA

3

BRASIL GERSON

# TIRADENTES

## HERÓI POPULAR

★

EDIÇÕES HORIZONTE LTDA.
Rua do Mercado, 9 — 1º andar
RIO DE JANEIRO — 1946

# RIO DE JANEIRO, 1789

Naquela noite silenciosa e parada do Rio de Janeiro do fim do seculo 18 — um domingo de portas fechadas e gente dormindo pelas oito horas da noite — eis que de repente sucedeu um alvoroço na rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, onde o ourives Domingos Fernandes, contratador e mercador de prata vindo de Mogi das Cruzes, em S. Paulo, tinha seu negocio e sua moradia. E foi realmente diante de sua casa que a patrulha de milicias, do regimento de Extremoz, fez alto e deu começo á tarefa de que o alferes Francisco Pereira Vidigal fôra encarregado pelo vice-rei português. Os soldados marchando tinham despertado a curiosidade geral, e aos que haviam acompanhado a tropa se juntavam agora os moradores das vizinhanças, todos ansiosos por saber o que era que estava acontecendo.

— Procuram alguem, não há dúvida...

— E pelo que se vê deve tratar-se de algum perigoso bandido... — comentava-se aqui e ali.

Bateram á porta e não tiveram resposta. O remédio era, pois, arromba-la, e de fato arrombaram-na para ir encontrar lá em cima, no sotão, o homem que procuravam.

Ele estava de pé, sereno, em mangas de camisa, e encostado á parede havia um bacamarte de que não chegou a utilizar-se.

— Pretendia resistir? — perguntou-lhe o alferes.

— Mas não a uma tropa como esta...

Acabou de vestir-se e desceu, enquanto na rua os soldados iam afastando o povo para que o prisioneiro pudesse seguir seu destino, devidamente enquadrado.

Detrás dele e da escolta, tudo se reduziu a uma só pergunta coletiva, a uma interrogação sem resposta: quem seria ele? e por que, afinal, tanto aparato para prende-lo?

Só havia então um meio de transmissão de noticias: era a propria voz do povo, difundindó, ampliando ás vezes o que, num caso desses, os mais chegados ás rodas palacianas iam sabendo e passando adiante.

Tinha chegado das montanhas mineiras o coronel Joaquim Silvério dos Reis, contratador de serviços publicos e comandante de um regimento de cavalaria auxiliar, trazendo para o conde Resende, que era o vice-rei, a alarmante nova de que ali se tramava contra os "sagrados interesses da coroa lusitana". Como se fossem demonios — e aqui havia quem fizesse, espantado, o sinal da cruz comentando o fato — cuidavam esses exaltados de estabelecer na capitania governo proprio, talvez mesmo — "que Deus não nos castigue de dizer a má palavra" — talvez mesmo uma republica...

Havia diversos conjurados, mas o pior deles, o mais perigoso era o alferes Joaquim José da Silva Xavier, do regimento pago de Vila Rica. Mais conhecido por Tiradentes, já havia estado no Rio de Janeiro mais de uma vez cuidando do plano sinistro e agora voltava para aliciar novos adeptos. Atrás dele, seguindo-lhe os passos, de há muito que andava, porém, esse diligente Silvério, incumbido pelo marquês de Barbacena, governador de Minas Gerais, de tudo informar ao representante supremo do poder real.

Instalara-se Tiradentes numa casa da rua S. Pedro e bem defronte se instalou tambem, dias depois, Joaquim Silvério, desejoso, entre outras coisas, de saber que livros e que papéis é que o alto e magro conspirador tinha levado

primeiro á casa do antigo porta-estandarte do seu regimento pago, Francisco Machado, que sabia francês, e depois á do sargento-mor Simão Pires Sardinha, que falava inglês.

E acabou sabendo, realmente.

— Venho aqui, Machado, para que me traduzas deste livro este capitulo referente á declaração dos direitos do povo dos Estados Unidos, que já proclamou a sua independencia em 1776...

— De ti, caro Sardinha, queria a tradução destes trechos desta obra politica publicada na Inglaterra...

E ambos, temerosos, chamando-o de louco, lhe disseram que tivesse cuidado, porque dois granadeiros andavam a acompanha-lo por todos os lugares que frequentava...

Ficou atento e viu que era verdade. E que fazer diante desse indicio tão claro de que já suspeitavam dele? Atrai-los a um lugar deserto para passa-los pela sua espada ágil de soldado de cavalaria? Isso nunca, porque terriveis poderiam ser as consequencias, para ele, os seus companheiros. a sua nobre causa.

O melhor seria voltar o mais depressa possivel para Minas, na esperança de precipitar, se possível, os acontecimentos. A um dos seus amigos pediu um bacamarte e a outro, o capitão Manuel Joaquim de Sá Pinto do Rêgo Fortes, uma apresentação ao mestre-de-campo Inácio de Andrade Souto Maior Rondon, dono de uma fazenda em Marapicú, de onde ganharia com mais segurança a terra mineira, viajando pelo rio Piabanha.

Mas tudo já era contra ele. Rêgo Fortes voltou atrás da sua promessa: não daria nem a carta nem o guia-escravo para acompanha-lo serra acima. Tinha, logicamente, que buscar refugio secreto em alguma parte, á espera de um momento melhor para agir. E lembrou-se então da viuva Inácia Gertrudes de Almeida, cuja filha fôra por ele curada de uma chaga cancerosa no pé, na sua viagem anterior ao Rio de Janeiro.

— Senhora — disse-lhe ao procura-la depois de livrar-se dos que lhe seguiam os passos — minha situação é das mais dificeis. Inimigos e malfeitores implicaram-me em Vila Rica num crime que eu jamais poderia ter praticado, e eu preciso esconder-me até poder provar minha inocencia. Peço-lhe que me deixe ficar na sua casa.

Viuva e com uma filha moça, as duas sózinhas, não ficaria bem — haveria de compreender o alferes — a presença de um estranho ao lado delas, sob o mesmo teto...

— Vou manda-lo á casa de meu compadre Domingos Fernandes, na rua dos Latoeiros. O sótão está desocupado e lhe servirá de boa acomodação. Meu sobrinho, o padre Inácio Nogueira, o levará até lá.

Era de noite, no dia 7 de maio de 1789, e no palacio do vice-rei desde cedo que o ambiente era de confusão e pânico, porque o granadeiro que o conde de Resende mandara á rua de S. Pedro em busca de Tiradentes tinha voltado com a noticia de que ele não estava mais, que se tinha mudado ás pressas sem dizer para onde...

— Fugiu o cabecilha! Foi para Minas Gerais revoltar a tropa! Coronel Joaquim Silvério dos Reis, fracassastes na vossa missão!

Havia alvoroço, gente que entrava e que saía, oficiais de vistosas fardas dando ordens, patrulhas marchando para todas as saídas da cidade, com ordem de guarnecer todos os caminhos que pudessem levar ás terras mineiras...

Pálido e assustado estava o delator na manhã do dia 8 quando lhe apareceu o padre Inácio, que vinha precisamente da parte de Tiradentes perguntar a quem acreditava ser ainda seu amigo se contra ele algum cargo se formulava, pois sabia que lhe vigiavam os passos...

Não importava que para o foragido á visita inesperada representasse a fôrca, porque para ele, Silvério, era a vida que renascia.

— Como não, padre! Como não! E' com o maximo prazer que cuidarei do que me pede o alferes, meu velho amigo! Dizei-me onde se encontra êle, que imediatamente irei reconfortá-lo.

O padre não disse, talvez porque tivesse notado que não era sincera essa expansão.

Mas já era quase tudo: havia um padre que sabia do esconderijo do conjurado... E por isso mesmo nem valia a pena, naquele instante, perguntar mais nada.

Reconfortado pela bôa nova e por um bom vinho português saiu, pois, o coronel Joaquim Silvério dos Reis á caça.

— Por favor, padre Manuel José de Bessa: onde vive o padre Inácio Nogueira, para quem trago de Vila Rica o abraço de um amigo?

Levaram-no, debaixo de escolta, para o gabinete do conde de Resende, que o interrogou a portas fechadas. Não era, porém, o sobrinho de Inácia Gertrudes um padre que se intimidasse por pouca coisa. O segredo era como se fosse revelado no confessionario e lhe cabia, portanto, guarda-lo. E foi só depois que o vice-rei de tudo o ameaçou — inclusive de um fuzilamento sumario — que ele cedeu, quase chorando.

— Na rua dos Latoeiros, excelencia. Na casa do ourives Domingos Fernandes...

Preso Tiradentes no Rio de Janeiro, emissarios do vice-rei partiam para Minas Gerais levando instruções para a devassa que o marquês de Barbacena deveria iniciar na sua capitania. E em Vila Rica, em São João d'El Rei, em Campanha, no Serro Frio outras prisões se efetuariam, e com elas as perseguições, e com elas o terror...

Que se queria evitar com tudo isso?

Que triunfasse a Inconfidencia Mineira, que graças a ela a colonia oprimida e explorada pela metropole retrograda se convertesse na nação rica, prospera e livre dos sonhos de Tiradentes...

# OURO E DIAMANTES

Não era por acaso que o primeiro grande movimento de emancipação do povo brasileiro, destinado á formação aqui de uma nação independente, tinha por teatro a capitania de Minas Gerais. E para dizer que a Inconfidencia Mineira foi o primeiro grande movimento desse carater, no nosso tempo de colonia, não precisamos diminuir em coisa alguma os meritos dos que, no seculo anterior, se haviam levantado em Pernambuco contra a ocupação holandesa. Em Pernambuco ainda não tinhamos chegado a adquirir uma consciencia, um carater nacional, porque era ainda aliados aos portugueses colonizadores, quase que em bloco, que lutavamos e até certo ponto "por El Rey e por Deus contra os hereges intrusos", intrusos á nação nova que da colonização portuguesa estava nascendo. Na mais comum, na mais acessivel das linguagens, se poderia dizer desses bravos de Felipe Camarão que eles eram a primeira manifestação viva, heroica, da consciencia nacional, mas ainda na sua forma instintiva, porque para ser mais que isso era ainda heroicamente cedo no nordeste e no século 17.

Que tipo de economia predominava na quase totalidade do Brasil-colonia na segunda metade do século 18?

Era o regime feudal na exploração da terra, e um regime feudal que sob certos aspectos era mais retrogrado que o de Portugal, porque se utilizava do braço escravo. O comercio de importação e a exploração de muitas das riquezas da terra, como o ouro e os diamantes, não passava de um monopolio da coroa, interessada, por isso mesmo, em dificultar o desenvolvimento do comercio e de todas as industrias, por mais rudimentares que fossem.

E daí o fato de estar o Brasil, dois séculos depois de iniciada a sua colonização, em condições muitas vezes inferiores ás da então chamada Nova Inglaterra, que havia começado a receber imigrantes em grande escala, sobretudo da mãe-patria, muito depois de nós. A chegada ali dos famosos pioneiros desembarcados da "Mayflower", por exemplo, data de 1620, e foi só então que a vasta possessão do rei inglês começou a ser colonizada regular e intensamente.

E' que refletíamos, em tudo e por tudo, a realidade portuguesa, nação que com a dinastia dos Bragança, sucessora da dos reis dos grandes descobrimentos ,tinha entrado num periodo de estagnação, de decadencia mesmo, no momento em que na Holanda, na Inglaterra, na França, sobretudo na Inglaterra, uma classe nova — a burguesia — dava um sentido novo, empreendedor, ao comércio e á industria. Foi na Inglaterra, com efeito, que os burgueses primeiro se rebelaram em grande estilo contra os entraves que se opunham á sua marcha ascendente os donos do país: a realeza, a nobreza feudal que ainda gozava de imensos privilegios mesmo depois da instituição do poder do rei por cima do dos feudos antes todo-poderosos e o alto clero que os apoiava.

E era principalmente nas hostes da reforma religiosa de Lutero e de Calvino que eles abriam caminho, nos seus combates contra a ordem feudal que impedia toda e qualquer especie de progresso. Havia tambem os artesãos pelejando por direitos mais amplos de viver, e com eles os que lavraram a terra, explorados e oprimidos pelos senhores de castelos: os que formariam, em frente unica, os exercitos de voluntarios com que Cromwell, em 1648, daria a vitoria ao parlamento na sua guerra contra o absolutismo, levando Carlos I á fôrca.

Os colonizadores da America do Norte eram, em bôa parte, homens saídos dessas tendencias progressivas, entre eles os tão falados "quakers", uma "Sociedade de Ami-

gos" que já existia nos meados do século 17, fundada pelo sapateiro George Fox como um protesto coletivo contra o ambiente moral e politico reinante no fim da dinastia católica dos Stuarts, que era a de Carlos I. Queriam eles a volta á simplicidade cristã dos tempos primitivos, com a extinção de tudo quanto fosse exterioridade no culto, porque o fundamental — diziam — está no intimo do coração do homem. "Deus era o que havia de maior", e eles sinceramente o temiam. Por isso se chamavam "quakers", porque "quaker" era o que tremia diante do Senhor, temeroso da sua justiça. Aliás, todas as guerras componesas da idade média contra os privilegios do feudalismo tinham tambem esse fundo religioso. A inexistencia de teorias politicas capazes de nortea-los na conquista de suas reinvindicações mais sentidas fazia com que eles se suprissem delas, instintivamente, nas pregações de Cristo contra os poderosos, os opressores da antiguidade.

Para que se tenha uma idéia da combatividade e da intransigencia dos "quakers" basta dizer que só em 1662 foram presos 4.200 deles e outros deportados para lugares distantes. "Quaker" tambem, o jovem Guilherme Penn, filho de um almirante, preferiu receber em terras na America uma herança e localizar-se nelas, numa especie de republica democratica, com centenas dos seus companheiros e suas familias. Foi como surgiu, quase na raiar do século 18, a Pennsylvania. Dele disse Montesquieu que foi o Licurgo do mundo moderno e outros que foi o Solon da America, porque na verdade suas idéias, tomando corpo, serviram de modelo para as demais colonias inglesas e nelas foram modelar um tipo de vida que era, decerto, aquele com que nas ilhas britanicas sonharam muitos dos seus revolucionarios.

E' onde está, pois, a diferença entre a colonização da America do Norte e a da America do Sul. O colono inglês e com ele o holandês, além de outros, vinham para constituir, com sua familia, uma celula economica que era

um ponto de partida para outras iguais ou melhores ainda. Eles se multiplicavam, portanto, do ponto de vista familiar, multiplicando-se com eles suas atividades, suas chacaras, suas casas, seus negocios — exceto, é claro, nas regiões do sul ,onde preponderou até a guerra da secessão, até o tempo do grande Lincoln, uma economia á parte: a monocultura algodoeira dos senhores de vastas glebas e escravos negros.

Era natural, como se vê, em 1776 os colonos da America do Norte já estivessem em condições de se converter numa nação propria, na qual predominavam os pequenos e os medios proprietarios da lavoura, do comércio, da industria, os artesãos, construtores, todos eles, de uma realidade economica pujante, capaz, daí em diante, de desenvolver-se num ritmo acelerado.

De Portugal, pelo contrario, não vieram nem podiam ter vindo para o Brasil imigrantes desse tipo, mesmo porque na colonização o sistema que havia prevalecido era outro, mais de acordo com a sua economia já decadente. Divididas as terras brasileiras em vastissimas porções, coube cada uma delas a um donatario. Era, pois, o senhor feudal transferindo-se para a America, e com ele seus privilegios, sua maneira de viver, sua mentalidade — herdados pelos que depois deles se converteram nos seus herdeiros, nos seus continuadores, se bem que donos de terras já não tão vastas: os senhores de engenho, os grandes fazendeiros, etc. Eram os grandes proprietarios, e em redor deles, das "casas grandes", os escravos, a gente humilde multiplicando-se sempre assim, pobres de direitos, de mãos vazias, mal alimentados. Uma minoria prospera, portanto, e uma imensa maioria condenada a não ter tambem o seu lugar ao sol. E muito mais tarde, em mil novecentos e trinta e tantos, viria André Siegfried francês, e diria: são hoje muitos milhões, mas não de consumidores ainda...

Mas a descoberta do ouro e dos diamantes em Minas Gerais vinha criar para Portugal, no Brasil, uma situação nova e inesperada.

O que acontecia em Minas era inedito, porque imprimia á vida sempre pacata da colonia — pacata do ponto de vista da economia — um ritmo estranho e surpreendente, de trepidação, de trabalho perigoso e alucinante.

Os rios de cascalho ferruginoso eram tomados de assalto por legiões de aventureiros, estivessem em lugares de acesso facil ou no fundo das florestas. O ouro era a riqueza e á busca de ouro partiam os que tinham um pouco de audacia.

O caminho para essas empresas dificeis já tinha sido aberto pelos bandeirantes, desbravadores da selva virgem e longinqua, na caça, pelas armas, ao indio capaz de ser convertido em escravo tambem e na busca de todos os tesouros possiveis.

O primeiro conflito entre eles, que já se consideravam donos da terra, porque nela tinham nascido, e os colonizadores que trabalhavam no ouro para o rei de Portugal sucedeu em 1708 no rio das Mortes: foi o assalto deles contra os "emboabas", os estrangeiros, os intrusos...

Cidade principal da capitania, Vila Rica em pouco tempo já possuia uns 20.000 habitantes, era a Potosi brasileira e espantava pelo seu luxo, na ostentação com que paulistas e mineiros viviam ali em derredor seu aventurismo economico.

Esses exitos incriveis iam repercutir lá longe, no norte, nos feudos onde se plantava cana de açucar, e no mercado de escravos o preço dos braços negros subia rapidamente de cotação.

Na metropole o governo se apavorava:

— E' preciso evitar que Minas absorva todos os escravos do açucar. Esse ouro pertence ao reil Policie-se a sua extração!

Essa agitação, aumentando rapidamente as populações ineiras, estimulando o progresso do Brasil central, ia tam-em, por sua vez, criar e resolver problemas outros, como, or exemplo, o da alimentação de seus habitántes. E com so abriam-se caminhos novos para o sul, em busca de ado para as feiras de S. Paulo e Minas, os que levava os ais audazes a longas viagens até o Rio Grande, fazendo ssim com que os pampas deixassem de ser absorvidos elos castelhanos.

E daí as providencias, cada vez mais energicas, dita-as pelo governo de Lisboa contra o que se chamava os xcessos da mineração: as leis que estabeleciam os direi-s do rei sobre todo o ouro e o diamante extraidos, a re-ressão do contrabando, os regulamentos policiais que vi-xvam disciplinar o trabalho dos mineradores, os impostos, proibição das manufaturas para que o monopolio do co-iercio pela metropole não fosse prejudicado, as restrições, ada vez maiores, ás liberdades publicas...

E, em consequencia, as primeiras reações dos nativos, ue já se sentiam com interesses proprios, diferentes da-ueles que vinham de fora para coagi-los, para oprimi-los...

A intervenção da metropole na mineração começou em 1701, que foi quando o governador da capitania ordenou que de todo o ouro extraido se cobrasse o chamado "quinto" do rei. Isso fêz com que aumentassem as rivalidades entre os filhos da terra e os portugueses. Derrotados pelos paulistas no rio das Mortes, em 1708, reagiam os portugueses em Caeté, chacinando paulistas, mineiros e baianos. Mas eram todos incidentes isolados, rixas que não se enquadravam em nenhum movimento maior.

Em 1713 um novo governador, Braz Baltazar da Silveira, determinava que além do quinto pagassem os mineradores outros impostos, como o de industrias e profissões, e varias taxas de entrada, nesta base: por cargueiro de tecidos ou generos secos, uma e meia oitava de ouro; por cargueiro de molhados, meia oitava; por cabeça de gado, meia oitava; por cada novo escravo, ao chegar, duas oitavas, além de duas e meia por ano.

A cobrança do quinto, além do mais, era feita de um modo arbitrario. Na impossibilidade de controlar a produção, havia o fisco substituido essa entrega proporcional por uma fixa, de dez oitavas por cada bateia em serviço.

Os protestos aumentaram, como era natural, e para acalmar os animos o governador entrou em entendimento com os mineradores, depois de convocar os mais destacados dentre eles. Mas o rei não aprovou o acordo feito, o que motivou agitações ainda maiores.

Inutil era, pois, não leva-los em conta, e um novo acordo teve que ser feito. A contribuição da capitania, em ouro, foi fixada em 30 arrobas por ano, recolhidas diretamente pelas camaras de acordo com a produção de cada

um. A tabela para a cobrança dos demais impostos e taxas passava a ser a seguinte: por cargueiro de fazendas e outros generos secos, uma oitava de ouro; por cargueiro de molhados, meia oitava; por cabeça de gado, uma; por escravo entrado, duas; pelo direito de ter escravo, dez oitavas por ano e por escravo; pelas lojas e vendas, dez oitavas, tambem por ano.

Ficava, porém, o fisco autorizado a decretar uma derrama para completar as 30 arrobas, sempre que não fosse possivel reuni-las no prazo convencionado. E a criar tambem novos impostos,

Vieram as derramas, com efeito. Vieram os novos impostos, e, em consequencia, os tumultos de Pitanguí, Rio das Velhas e Vila Rica.

Quando Baltasar da Silveira foi substituido pelo conde de Assumar, em 1717, o descontentamento era enorme e as agitações se tinham generalizado.

Sugeriu êle, então, que em vez de 30 arrobas fossem mandadas apenas 25 para a coroa, e que, em compensação, ficasse pertencendo tambem ao tesouro real, em Lisbôa, e não mais ás camaras, para aplicação local, o produto dos demais impostos.

Era insaciável, porém, a Casa de Bragança, e o que ela determinou, contrariando o governador, foi a criação de quatro fundições, em Vila Rica, Sabará, Serro e São João del Rei, a fim de que á totalidade do ouro da capitania a elas se encaminhasse e fosse fundido, depositando-se á parte o quinto que lhe pertencia.

Além das despesas novas e dos contratempos que isso acarretava, estabeleciam-se outras taxas, inclusive uma denominada "alfinetes para a rainha"... E, por ultimo, proibia-se o uso do ouro em pó — o que era um meio seguro de impedir que ele deixasse de passar pelos fundições.

Resultado de tanta opressão e de tanta ganancia foi a

revolta de 28 de junho de 1720 em Vila Rica — a revolta de Felipe dos Santos.

Foi um movimento espontaneo e generalizado, um protesto coletivo cuja eclosão o conde de Assumar procurou evitar, seguro de não poder domina-lo de frente, chamando á sua presença os seus numerosos animadores para dizer-lhes que se considerassem vitoriosos e lhe ditassem as condições, porque estava disposto a executa-las.

A manobra apenas visava identifica-los melhor e desarma-los, e, com efeito, mal se iniciavam os festejos comemorativos do triunfo, eram eles presos para ser enviados a Lisboa. Sabe-se dos nomes de alguns deles: o dr. Manuel Mosqueira da Rosa, Sebastião da Veiga Cabral, frei Vicente Botelho, frei Francisco de Monte Alverne, o mestre de campo Pascual da Silva Guimarães, João Ferreira Diniz, Tomé Afonso...

Insatisfeito ainda, mandou que os seus soldados depredassem tudo quanto havia no arraial do Ouro Podre, de Vila Rica, e que o incendiassem, porque nele estavam quase todos os bens do mestre de campo rebelde, que morreria na viagem, e com ele frei Vicente.

Felipe dos Santos, homem do povo, energico, resoluto, escapou á prisão, e reunindo uma multidão no adro da matriz de Cachoeira do Campo exortou-a a libertar os presos e a depor o governador.

Mas não teve tempo de levar á pratica o seu plano, porque uma escolta numerosa, sob o comando do capitão Luis Soares de Meireles, conseguiu prende-lo tambem. Levado para Vila Rica, foi julgado sem perda de tempo e enforcado no largo da Camara.

Para escarmento dos demais, o corpo foi atado a um cavalo e arrastado pélas ruas, manchando-as de sangue — sangue de um herói popular das nossas primeiras lutas contra a opressão estrangeira...

Porque depois dele viriam outros, e um deles, o maior do Brasil-colonia, seria Tiradentes.

# DE FELIPE DOS SANTOS A TIRADENTES

Mas até que Tiradentes aparecesse em cena outras coisas aconteceriam ,agravando ainda mais a situação. Convem relata-las em resumo.

As casas de fundição, mandadas organizar pelo rei em 1720, só se converteram numa realidade em 1732, quando já era governador Lourenço de Almeida. E o ouro arrecadado pela coroa subia assim de 36 arrobas em 1724 a 97 em 1733 e a 238 em 1734. Um pouco antes, em 1728, as Camaras tinham sido convidadas a fazer aos "Serenissimos Principes" de Lisboa uma doação extra de 125 arrobas — poucos quilos faltando para uma tonelada e meia — uma fortuna imensa para à época.

Em 1735 os impostos sofreram outro aumento, duplicando quase. E as fundições, dado o clamor geral contra elas — além do mais proibia-se o ouro em pó, usado como moeda corrente — eram finalmente suprimidas. Mas voltava a contribuição fixa, por bateia, e agora sob a ameaça de confisco de todos os bens dos que burlassem o fisco.

Foi quando se verificou a tentativa de revolta de Curvelo, de que não ficaram nos manuscritos da época, noticias circunstanciadas. Os conspiradores eram o ouvidor da comarca, o vigario, mais 5 padres e outras pessoas, num total de 15, todas deportadas para Portugal, de onde não voltaram.

O desenvolvimento economico produzido pela mineração tinha provocado o aparecimento de varias industrias na capitania. Eram já dignas de nota as manufaturas de chapéus, panos tintos e panos grossos, estes para uso dos

escravos, e engenhos diversos. Uma ordem real suprimia as manufaturas de chapéus e de panos tintos, só permitindo as de panos grossos. Novos engenhos não podiam ser montados. E as dividas de Minas Gerais para com o reino em ouro, impostos e taxas haviam aumentado tanto, por efeito dessa politica fiscal de arrocho, que cobra-las pela força, como queria o rei, seria o mesmo que provocar uma vasta conflagração, no parecer do governador Rodrigo José de Menezes, em função em 1780.

Homem de maior visão que os seus antecessores, tinha ele escrito á côrte aconselhando uma mudança radical de rumos, segundo a reforma que projetara: liberdade de industria e comercio, criação do serviço postal, supressão definitiva das casas de fundição, concessão de emprestimos aos mineradores com juros anuais de 8 a 9% (porque o ouro de aluvião já era menos frequente e havia que despender maiores esforços para extrai-lo, criação de uma Casa da Moeda, unico meio pratico de impedir a circulação do ouro em pó, e, por ultimo, a fundação de uma fabrica de ferro, o que muito progresso traria para Minas e o Brasil e, portanto, para o reino tambem.

Desse programa a côrte lisboeta só aceitou um ponto: o que se referia ao serviço postal. Os outros foram rejeitados sob a alegação de que afastariam os homens da mineração, quando os motivos eram outros, como veremos linhas adiante...

Rodrigo de Menezes durou pouco, e em 1783 veio Luis Cunha Menezes, portador de ordens as mais severas. Que os brasileiros deixassem de lado essas suas veleidades de progresso, pois a colonia devia continuar sendo apenas um lugar de extração de riquezas para a metropole. As industrias nascentes eram todas suprimidas violentamente, para que todo o comércio continuasse sendo um monopolio de Lisboa, revendedora do que importava dos ingleses.

Não tendo evoluido de sua economia atrasada em relação com a da Inglaterra, estava Portugal cada vez mais jungido ao tratado de Methuen, assinado em 1703, e por efeito do qual a Inglaterra concedia aos vinhos portugueses um abatimento de 33 e 1/3% nos impostos alfandegarios e obtinha, na prática ,o monopolio do fornecimento de todas as manufaturas a Portugal e suas colonias. Era o inevitavel: os saldos favoraveis aos ingleses, na balança comercial, se acumulavam e para cobrir seus deficits, Portugal precisava do ouro do Brasil. Não só para isso: para o custeio, tambem ,da vida faustosa e dissoluta da côrte dos Bragança, que nada mais faziam agora do que esbanjar os tesouros acumulados pelo imperio do tempo dos reis da Casa de Aviz...

De D. João V, por exemplo, conta-nos o historiados português Oliveira Martins que tinha ele a mania de suplantar em Portugal tudo quanto fazia de magnificente em Paris e Versalhes Luiz XIV. Para cumular de ouro as mulheres de sua preferencia, mandava cunhar moedas especiais. O convento de Mafra, com suas igrejas e suas torres, haveria de ser — por disposição dele — um dos mais imponentes do mundo. Os aposentos de madre Paula no convento de Odivelas, frequentados pelo devasso, eram como um palacio encantado, á base de ouro e diamantes do Brasil. O ouro do Brasil — o trabalho dos brasileiros, portanto — dava para tudo: para cobrir os deficits da balança comercial com a Inglaterra, para reconstruir Lisboa arrasada por um terremoto, para armar um exercito, para as fortificações fronteiriças, para o financiamento dos planos de re-erguimento economico do marquês de Pombal, destinados, principalmente, a abrandar os efeitos do tratado de Methuen e para a compra, no Vaticano, de privilegios diversos, indulgencias, reliquias, etc., despesas estas ultimas que andavam por 200 milhões de cruzados...

Só no reinado de D. João V — no dele apenas — mandou esta colonia fertil para a metropole 130 milhões de cruzados (valia um cruzado 480 réis), 100 mil moedas de ouro, 315 marcos de prata, 24.500 marcos de ouro em barras, 700 arrobas de ouro em pó, 372 oitavas de peso e mais de 40 milhões de cruzados de valor em diamantes. E sem contar outros cruzados — talvez 2 milhões por ano — de quintos e monopolios diversos de comercio.

O ouro e os diamantes constituiam, na verdade, um problema só, pois era na sua luta contra o monopolio real, contra a excessiva intervenção da coroa no trabalho dos mineradores e faiscadores que os brasileiros rapidamente iam adquirindo a consciencia dos seus direitos, iam tomando conhecimento da sua necessidade de emancipar-se.

Os primeiros diamantes foram colhidos em 1725 e remetidos para Lisboa e dali para a Holanda, para que os peritos habituados a tratar com as pedras preciosas vindas das Indias informassem a respeito.

Dadas com preciosas, já em 1735 a metropole cuidava de sua exploração comercial, podendo o governador conceder direito de extração mediante o pagamento de um alto imposto, tudo sob o mais rigoroso controle do fisco. A zona do Serro Frio, conhecida daí em diante como Distrito Diamantino recebeu, por isso, um policiamento excepcional.

Em 1771 o sistema foi modificado, e a exploração passou, toda ela, para o governo, que a levava á pratica por intermedio de um contratador.

Nos treze anos que se seguiram Lisboa recebeu 873.846 quilates de diamantes brasileiros. O total, entre 1735 e 1806, foi de 3.453.832 quilates ("Le Grand Larousse").

O Distrito Diamantino era como uma zona de guerra, debaixo de lei marcial. O contraventor branco, que fosse apanhado faiscando, era castigado com o desterro para a costa da Africa ou para regiões longinquas da colonia, e da sentença contra ele ditada não podia apelar. O negro era

marcado a fogo, na propria carne, e posto a ferros por longo tempo. Se reincidisse, teria as orelhas decepadas.

O contratador em cujo periodo esse rigor mais se acentuou foi Felisberto Caldeira Brant, muito mais solidario, no seu comercio, com os que se aventuravam a faiscar clandestinamente do que com os interesses da coroa, de que era o defensor legal. Mais voltado de coração para a terra nova que se estava formando, para a sua terra, portanto, era com tristeza que ele via essas perseguições odiosas, essas terriveis restrições á liberdade de viver e progredir dos brasileiros.

Na verdade, o que ele estimulava, fechando assim os olhos aos contraventores, era o contrabando.

Mas que era o contrabando, nestas colonias americanas de então, impedidas de marchar para a frente pelo monopolio real do comercio?

Burlar o fisco, montar industrias por pequenas que fossem, extrair ouro e faiscar diamantes que não seriam mandados para o rei, mas que seriam utilizados aqui — que era senão reforçar a economia nativa lutando pela liberdade tão necessaria para a época como a de produzir e comerciar?

Liberdade de comercio seria, com efeito, a reivindicação principal do programa famoso de Mariano Moreno, secretario da junta revolucionaria que em 1810 haveria de instituir em Buenos Aires, no Cabildo, o primeiro governo proprio dos argentinos. E na pratica era pela liberdade de comercio — estrada aberta para a independencia — que tambem já vinham lutando os aventureiros, os bons e os maus, que nas barrancas do Prata e do Paraná contrabandeavam couros sob a ameaça das armas espanholas...

Em Minas essa busca, esse comerciar clandestino do ouro e dos diamantes valem por uma das pagínas mais belas dos nossos combates contra a dominação da coroa. E foi neles, pode-se dizer, que primeiro se debilitou o an-

tigo desprezo pelo negro, ao confraternizarem negros e brancos na luta por uma existencia melhor, dificultada pelo fisco lusitano.

Para sair à procura dos diamantes monopolizados pela coroa formavam-se bandos numerosos, armados. E muitos deles eram de escravos fugidos do cativeiro que vendiam aos contraventores o fruto do seu perigoso trabalho. E como se estivessem formados em frente unica, protegiam-se mutuamente brancos e negros e pelo sertão a dentro iam insuflando a revolta brasileira e estimulando, com sua bravura e seu heroismo, os mais timidos que de coração tambem já estavam com a nobre causa da liberdade.

E' onde já vamos ter as primeiras noticias de Tiradentes ao lado do povo, compreendendo-o, sentindo seus problemas.

Comandante de uma ronda volante de cavalaria, encarregada de surpreender pelos caminhos os contraventores do fisco e dos monopolios reais e os escravos fugidos, ele sempre que pode faz de conta que não os vê, e lá adiante, dando com um negro ferido no seu esconderijo, a linguagem que lhe fala é a de quem tambem sofre com ele, pedindo-lhe que se afaste mais, para que as circunstancias não o forcem a prende-lo...

Nesse particular, o maior dos inconfidentes tem muito do Artigas — o heroico patriarca da nação uruguaia — do livro que sobre ele escreveu Jesualdo, do Artigas que os outros não quiseram ver assim porque talvez lhes parecesse demasiado "popular e subversivo"...

Artigas não se projetou "de cima" como um lider dos "gaúchos" nas guerras pela independencia platina, porque desde menino que se havia identificado com eles ,vivendo sua mesma vida, falando sua linguagem. Era um deles, o mais esclarecido decerto, e por isso o seguiam — a massa inteira solidaria com o seu lider na ventura e na desventura...

A vida de Tiradentes é toda ela feita de aventuras, de desenganos, de trabalho, de sacrificios, de sonho e de audacia, a expressão melhor do "homem comum" brasileiro de seu tempo.

Nasceu em Pombal, distrito de S. João del Rei, filho de Domingos da Silva Santos e Antônia da Encarnação Xavier, já brasileiros. Uma de suas avós era paulista. Aos 11 anos ficou orfão de pai e mãe. Um dos seus irmãos, José da Silva Xavier, tambem se fez militar e chegou a ser capitão. Dois outros, Domingos e Antônio, se tornaram padres, e foi com eles que aprendeu a ler e a escrever, porque os seus outros conhecimentos eram o fruto da sua experiencia e das leituras naquéle Brasil sem escolas do século 18.

Quase todas as atividades e profissões dignas da época ele as exerceu, e daí essa sua intimidade com o povo, essa sua tão grande identificação com os "fracas-roupas", os escravos, os comerciantes, os mineradores e faiscadores. Foi a principio vendedor ambulante, e como tinha estudado algo de odontologia e medicina, não havia enfermo necessitado de auxilio de que ele não cuidasse com o maximo carinho, sem nada pedir em troca. E' de onde vem, naturalmente, o seu apelido, que acabaria por imortalizar-se na historia: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Á sua vista nenhum senhor de escravos usava impunemente do chicote para castiga-los, porque ele saía em sua defesa, atracando-se com o algoz. E quando mais tarde, já vestindo a farda ,se dedicou tambem á mineração por se convencer de que além de alferes não o promoveriam mais, os quatro ou cinco escravos que teve que tomar, ele os tratou como amigos, como homens iguais aos outros.

As inquietações liberais e progressistas que eram tanto de Vila Rica como do sertão já estavam nele, e a ponto de transforma-lo de um revoltado num revolucionario. E era por isso, precisamente, que ela já de há muito vinha

marcando passo no seu regimento de cavalaria, preterido sempre nas promoções, que só beneficiavam os menos preparados que ele.

Em 1786 o governador Luis Cunha Menezes teve que mandar fazer o recenceamento de vastas zonas da capitania, combinado com o estudo de suas condições geográficas e cosmográficas de suas caracteristicas mineralogicas. E o homem que ele achou mais indicado para a tarefa tão complexos foi Tiradentes encarregado ainda de apresentar-lhe um plano para a abertura de novos caminhos e de novos roteiros para as rondas volantes.

Cumprida a sua missão, já não quis mais voltar ao quartel, e pediu licença por algum tempo para cuidar, primeiro, do seu pequeno negocio de mineração, logo fracassado, e em seguida para uma viagem ao Rio de Janeiro.

Estávamos em 1788, e o que ele vinha solicitar do vicerei nos dá uma idéia da ampla visão que tinha dos problemas do seu tempo: era uma concessão para a construção de trapiches e de armazens que facilitassem os trabalhos de carga e descarga no porto e para o melhoramento e a ampliação dos serviços de aguas da cidade, com o represamento dos rios Andaraí e Maracanã, tudo com vistas ao futuro.

E era esse, ainda, um pretexto otimo para melhor dedicar-se tambem ao que dentro dele já amadurecia agora rapidamente: a sua participação ativa no movimento de emancipação que se esboçava diante da ameaça de uma derrama geral, destinada a cobrar dos mineradores 528 arrobas de ouro de que a côrte se julgava credora, movimento de emancipação que já estava nos anseios, embora ainda vagos, dos que nas cidades mineiras liam as obras vindas da Europa, falando na independencia da Nova Inglaterra, e sabiam das cartas dos estudantes que se contagiavam das ideias mais avançadas do seculo, como, por exemplo, de José Joaquim da Maia, que havia mesmo falado a respeito com Thomas Jefferson... Ou de José Álva-

res Maciel, filho do capitão-mór de Vila Rica; de Domingos Vidal Barbosa, José Pereira Ribeiro, José Mariano Leal, etc. José Joaquim da Maia não era mineiro, mas carioca, filho de um pedreiro da rua da Ajuda.

Entusiasmado pela revolução norte-americana, que tanto repercutia na França, pensava que já era chegado tambem o momento de o Brasil fazer o mesmo, e com a ajuda dos seus irmãos do norte. Jefferson, que fôra o autor da declaração da independencia, em 1776, no congresso de Filadelfia, era embaixador em Paris, e foi a ele que o estudante carioca se dirigiu a 16 de outubro de 1786 pedindo-lhe uma entrevista.

"Je suis bresilien et vous savez qui ma malheureuse patrie gémit dans une affreux esclavage, qui devient chaque jour plus insupportable"...

Não era — acrescentava — um inimigo do povo português, tambem oprimido pela coroa, nem dos portugueses que viviam no Brasil, porque esses estavam já quase todos casados com brasileiras e não mais pensavam em regressar á patria de origem. Não havendo nobreza, as idéias republicanas não encontrariam quase oposição. De certo o governo de Lisbôa mantinha aqui um exercito de 20.000 homens, mas quase todos eram brasileiros. O povo, na sua totalidade, desejava a independência, e os intelectuais, empolgados com a vitoria da causa de que Jefferson fora um dos vanguardeiros, achavam que ao Brasil só restava um caminho a seguir: imitar os americanos do norte. Tinhamos ouro em quantidades imensas, pois só o quinto cobrado pelo rei andava por 13 milhões de cruzados, e os diamantes lhe davam talvez a metade dessa quantia. Com o ouro e as pedras preciosas o Brasil mobilizaria num ano os recursos necessarios para obter da nova republica os auxilios em armas, munições e navios para quando a luta começasse. E quanto á uma reação portuguesa, mesmo com a colaboração da Espanha, dificil seria o seu exito, porque as nossas riquezas principais não estavam no litoral...

José Joaquim da Maia estudava em Montpellier, e Jefferson, aproveitando-se de uma viagem ao sul da França, marcou um encontro com ele em Nimes, cidade famosa pelas suas ruinas que evocam a passagem dos romanos pelas Galias.

E' claro que nenhum compromisso podia assumir ali o grande americano com o estudante, mas de que a idéia lhe parecia digna de estudos temos uma prova nas comunicações que, a proposito, fez ao seu governo, ao lhe dar noticia dessa coisa nova, surpreendente, que surgia no mundo, e que era a possibilidade de os povos americanos, latinos ou anglo-saxões, se auxiliarem mutuamente na sua luta pela liberdade e o progresso, de se irmanarem no que depois se chamaria o pan-americanismo...

Mas quando Tiradentes, possuido do mesmo pensamento de José Joaquim da Maia, viajava a serviço dele para o Rio, o estudante carioca, filho de um trabalhador, morria em Portugal a caminho do Brasil que ele tambem queria ver livre, forte e rico...

# CONSPIRAÇÃO EM MARCHA

José Alvares Maciel, esteve em Coimbra, onde se formou em ciencias naturais, e foi depois aperfeiçoar-se em quimica industrial na Inglaterra, de onde regressou em 1788. Tinha então 27 anos, era no mês de agosto e uma das primeiras pessoas amigas que encontrou foi Tiradentes, que, além do mais, era oficial do regimento comandado pelo seu cunhado, o tenente-coronel Francisco de Paula.

Vinha ele com ideias novas e arrojadas, influenciado que estava pela revolução norte-americana, pelo extraordinario movimento de renovação filosofico-cientifico que agitava a França e, sobretudo, pelos progressos que no campo do comercio e da industria se verificavam na Inglaterra, ao influxo da revolução burguesa do século anterior.

Por isso mesmo a situação em que se encontrava a sua terra o condoia profundamente. Já era tempo — pensava ele — de tentar uma reação energica, porque da côrte portuguesa só podiamos esperar atraso e opressão. Se em Portugal, que era a metropole, a coroa não agia no sentido do progresso e da liberdade, a exemplo da Inglaterra, dos Paises Baixos, dos Estados Unidos, claro é que no Brasil sua politica tambem jamais poderia ser benefica.

— Esse é um problema, alferes, que deve ser resolvido por nós mesmos. E por assim pensar é que enviei muitas cartas e muitos livros de Londres para Vila Rica.

Era o que Tiradentes menos esperava: que de repente surgisse um homem assim como José Alvares Maciel, da maior intimidade do seu comandante Francisco de Paula, disposto a trabalhar com esse entusiasmo por aquilo que

nele já era tambem uma idéia amadurecida nos ultimos meses: uma vasta rebelião capaz de fazer do Brasil-colonia uma nação-livre e prospera.

— E nas suas mãos está alguem que poderá representar um papel decisivo nesses acontecimentos que esperamos se realizem em breve...

— Nas minhas mãos? — perguntou, curioso, José Alvares Maciel.

— O seu cunhado e meu comandante, o tenente-coronel Francisco de Paula... Conheço a tropa: é de brasileiros a maioria absoluta dos soldados. E brasileiro, revoltado contra o que aí está, é tambem o seu comandante...

O entendimento entre eles se fez rapidamente. Trazia o quimico-industrial, já estudado, o que em Tiradentes era ainda algo impreciso: o programa capaz de interessar no movimento os elementos mais dinamicos e prestigiosos da capitania e de dar consistencia, rapidamente, ao gaverno que os brasileiros formassem, segundo os postulados republicanos triunfantes nos Estados Unidos: muitas fabricas de ferro, estradas, escolas, tipografias, etc. Tudo se basearia, do ponto de vista economico, nas fabricas de ferro, logicamente. Ele andava á flôr da terra e serviria para o rapido progresso industrial do povo, inclusive para dota-lo de canhões e outras armas de defesa...

Dias depois, ainda em agosto, regressava Tiradentes a Vila Rica. Na viagem não perdera tempo. Ao passar pela fazenda da Borda do Campo, do coronel José Aires Gomes, que comandava o regimento da covalaria auxiliar do Rio das Mortes, falava-lhe da maravilha que seria o Brasil feito nação independente, progredindo rapidamente... E a mesma inquietude, tão alvissareira, ia provocar, passos adiante, no espirito do padre Manuel Rodrigues da Costa, homem de prestigio no Registro Velho e vizinhanças.

Mas não foi feliz ao chegar á cidade maior da capitania. Tendo machucado o pé na estrada, permaneceu de cama

tres meses, vitima de uma grave infecção. E ao mandar receber o soldo atrasado soube que o seu comandante não queria paga-lo, porque a licença que ele havia pedido, de dois meses, ia já pelo dobro.

José Alvares Maciel, chamado por ele, tudo resolveu favoravelmente com o cunhado.

Restabelecido, soube que agora quem estava de cama era o tenente-coronel Francisco de Paula. Foi pois, visita-lo e sentiu-se mais á vontade que nunca em sua causa.

— Estou encantado, meu comandante, com José Alvares Maciel e sua maneira de encarar a situação dos brasileiros...

— Já estivemos, os dois, conversando com o padre Carlos Correia de Toledo, vigario de S. José, que tambem se mostra animado...

A alusão era clara, e nada mais precisava ser perguntado. Otimo elemento, com efeito, pois o padre Carlos, querido do povo por suas ideias avançadas e por sua bravura, tinha ainda a vantagem de ser paulista, natural de Taubaté, de uma familia numerosa e de muito prestigio. O sargento-mor Luis Vaz de Toledo Pisa, das milicias da capitania, era seu irmão, o acompanhava sempre. Tudo marchava melhor do que se podia esperar. Para a frente, portanto...

As vesperas do natal já era o proprio padre Carlos quem anunciava a Tiradentes, na casa do comandante do seu regimento, que em breve se juntaria ao grupo de conspiradores o coronel de auxiliares Inacio de Alvarenga Peixoto, antigo ouvidor da comarca do Rio das Mortes, minerador, dono de três ou quatro fazendas, poeta das mais ilustres do seu tempo e casado com Bárbara Heliadora, intelectual tambem, é de uma grande familia de S. Paulo.

Pouco a pouco os fios da conspiração se estendiam, e nas reuniões já se aventavam planos de ação os mais arrojados.

— O alferes — dizia o tenente-coronel — me tem falado dos muitos adeptos que conseguiu no Rio de Janeiro. Acon-

selho que o movimento seja ali iniciado por ele. Na marcha para Vila Rica haverá muitas adesões. Receberei ordem de partir ao encontro dos rebelados para esmaga-los. Na Borda do Campo faremos causa comum e entraremos então vitoriosos em Vila Rica, proclamando a republica!

Tiradentes pensava de outro modo:

— O começo ha de ser em Minas Gerais, que é por causa das mineraçõe, a região onde mais gente se encontra impaciente por cortar todos os laços com a metropole. Quem não se revoltará quando souber da noticia da derrama, que nos levará de uma só vez 528 arrobas de ouro?

— E quem deflagará o golpe? A tropa?

— O povo, orientado pelos nossos homens e logo apoiado pela tropa. Haverá agitações nas ruas, e a elas se juntarão os soldados encarregados de abafa-las... Nisso irei á vivenda do visconde de Barbacena, na Borda do Campo, e o trarei preso para abandona-lo depois nas fronteiras da capitania com um recado dos brasileiros á côrte lisbqeta: que daqui em diante dispensamos governadores e autoridades da metropole...

— Melhor será que se degole o governador — opinou um dos padres presentes, porque além do padre Carlos de Toledo já tinha entrado para o grupo, como elemento ativissimo, o padre José da Silva Oliveira Rolim, homem de influencia no Serro Frio, de onde tinha sido deportado para a Bahia pelo governador antigo, Luis Cunha de Meneses.

— Se alguem deve ser degolado — aparteou Tiradentes — será então o ajudante de ordens do visconde, o Cabeça de Escova, por suas ladroeiras e outros escandalos em Vila Rica.

A essa altura conspiravam tambem o coronel Francisco Antônio de Oliveira da cavalaira auxiliar de S. João del Rei, e o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, da cavalaria auxiliar de Minas Novas. E entre os conspiradores já se dividiam as primeiras tarefas. O tenente-coronel Francisco de Paula ficaria encarregado de obter uma grande

partida de polvora do tenente-coronel Domingos Vieira. O padre Rolim mandaria buscar polvora na Bahia e formaria um batalhão de voluntarios no Serro Frio para tomar conta do Distrito Diamantino. O padre Carlos mobilizaria o povo de S. José del Rei. E cogitava-se, inclusive, da bandeira, que seria desfraldada no instante da vitoria.

— Ela deve ter um triangulo, alusivo á Santissima Trindade — foi o que propôs Tiradentes.

Mas Alvarenga achou que melhor seria um indio (simbolo da terra brasileira) rompendo suas algemas (as algemas da dominação estrangeira) e por baixo uma frase em latim: "Libertas quae sera tamem"" (Liberdade ainda que tarde)...

Depois vieram o desembargador Tomaz Antônio de Gonzaga e o Dr. Cláudio Manuel da Costa para formar, com Alvarenga, tambem doutor em leis, na liderança intelectual do movimento, que passava a contar assim com os três maiores valores literarios do seu tempo no Brasil.

Dos tres, Gonzaga era o mais discreto, o mais timido ou precavido, ás vesperas que estava do seu casamento com Marilia.

Cláudio; historiador, filólogo e jurisconsulto, agia com mais desembaraço, e já tinha traduzido para o português "A riqueza das nações", de Adam Smith, livro basico, nessa segunda metade da seculo 18, do liberalismo economico que na Inglaterra se impunha como a doutrina revolucionária da burguesia, mas que no Brasil-colonia iria figurar no seu processo como um terrivel libelo de acusação....

E a eles se juntava, muitas vezes, disposto talvez a ajuda-los, o conego Luis Vieira da Silva, pregador sacro de uma cultura invulgar, historiador brilhante, que lia Voltaire e exaltava do pulpito os que se batiam pela liberdade, como os norte-americanos. E além do conego e de outros, o dr. Domingos Vidal Barbosa, formado em medicina na França, entusiasta dos pensadores avançados, dos enci-

clopedistas, sobretudo, e que em Paris tinha acompanhado com entusiasmo os entendimentos de José Joaquim da Maia com Jefferson.

Em poucas semanas, de dezembro de 1788 a janeiro de 1789, já se tinha chegado a um acôrdo sobre os pontos fundamentais discutidos, tanto no que se refere á maneira de fundar o poder revolucionario como ao seu programa imediato de ação.

Ia prevalecer a opinião de Tiradentes: o golpe central seria dado em Minas Gerais, secundado por agitações no Rio de Janeiro, em S. Paulo e na Bahia. O inicio do movimento teria que coincidir com a decretação da derrama, que estava sendo esperada como um verdadeiro cataclisma por todas as camadas da população. A propaganda no seio do povo (e nisso se destacava Tiradentes, como veremos adiante) era a que a realidade aconselhava, ali e naquele momento. Libertar-se da opressão da metropole era o que quase todos queriam: os ricos, e principalmente os mineradores, porque o fisco real, além de cobrar-lhes impostos excessivos, os impedia de empregar os recursos que conseguiam acumular, em empreendimentos comerciais e industriais que trouxessem sempre progresso ascendente para eles e tambem, portanto, para o meio em que viviam, colegios para os filhos necessitados ainda de estudar longe, estradas, maior conforto geral, imprensa, civilização, enfim; o pequeno comercio, os artesãos, os mineradores e faiscadores independentes, os "fracas-roupas", os militares em geral, porque sentiam, na propria carne, que a falta de liberdade, que os impostos, que as ameaças constantes de derramas constituiam um martirio permanente, uma preocupação constante, algo como uma limitação do direito de viver e prosperar. Mas é claro que não se podia dizer-lhes ainda que os mais esclarecidos, os que estavam em contacto com as novas ideias republicanas vencedoras no mundo, tratavam já do movimento emancipador, a deflagar na primeira oportunidade. O que se fazia era apenas avivar esse desejo

de independencia, sugerir que se todos se unissem poderia ele converter-se em realidade... Porque isso bastava, no entender dos conspiradores, para que o conjunto da população logo saisse em apoio dos vanguardeiros, no momento em que eles "pusessem a procissão na rua".

Por isso mesmo os chefes da periferia —,o padre Carlos, vigario de S. José del Rei, o padre Rolim, popularissimo no Serro Frio, os coroneis Domingos de Abreu e Francisco Antônio de Oliveira — já tinham partido de volta ás suas casas, á espera dos acontecimentos que facilitariam o levante.

Quando chegasse a ordem do rei para a derrama o primeiro a saber, depois do visconde de Barbacena, seria o comandante da guarnição de linha de Vila Rica, o tenente-coronel Francisco de Paula. Sem perda de tempo enviaria ele emissarios aos conjurados do interior com a senha combinada para o começo da luta: "Tal dia é o meu batizado". A noite aconteceriam as primeiras agitações na capital da capitania, a cargo de Tiradentes, que sairia com seus homens gritando: "Liberdade! Liberdade!". O tenente-coronel formaria a tropa para repelir a agitação, mas na praça publica faria causa comum com os rebeldes. Seriam presas as autoridades portuguesas e os militares fieis a elas. Os caminhos da serra da Mantiqueira, que dão para o Rio, ficariam sob a guarda do sargento-mor (major, naquele tempo) Luis de Toledo Pisa, á frente de indios e escravos armados. E emissarios partiriam para o Rio, S. Paulo e Bahia, levando mensagens do novo governo e pedindo apoio, enquanto mineiros e paulistas ilustres procurariam chegar aos Estados Unidos e á Europa em busca de alianças e convenios.

Tiradentes havia proposto a libertação imediata e total dos escravos, com o apoio do padre Carlos. Mas José Alvares Maciel ponderou que o problema devia ser resolvido por etapas, a fim de que a economia local não ficasse privada de braços de um dia para o outro. Estabelecida a

liberdade de comercio e industria, os proprios donos de fa bricas seriam os primeiros a compreender, logo em seguid que a escravidão só serve para restringir o mercado co sumidor...

A capital seria transferida, por proposta de Tiradentes para S. João del Rei:

— Não se deve concentrar tudo em Vila Rica. E' pre ciso estimular o crescimento de outras cidades. Vila Ric será a cidade da cultura, dos estudos. Instalaremos nela nossa primeira Universidade.

— Não sei se já sabem — disse José Alvares Maciel — que pretendo ensinar màtematicas... E que já temos um aluno em vista, que é o filho do nosso amigo José de Re sende Costa. Sabedor dos nossos planos, o pai já adiou a sua partida para Coimbra...

E prosseguiu:

— No Brasil liberto e republicano tudo mudará de as pecto. Facilitaremos o progresso industrial, a começar po Minas. Leis especiais beneficiarão os fabricantes de tecidos de todas as qualidades. Levantaremos grandes fundições de ferro, que fabricarão os nossos instrumentos agricolas e depois até artigos que por enquanto são segredo da Ingla terra e da Suécia. Fundaremos uma Casa da Moeda se gundo o modelo inglês. Faremos com que a mineração do ouro se expanda por processos mais adiantados. Será o progresso por toda a parte, a civilização...

— E teremos oficinas de impressão, imprensa, hospitais, maternidades, muitas escolas e daremos ajudas aos casais de muitos filhos...

— E dentro de alguns anos — concluiu Tiradentes — todos os brasileiros, mesmo os mais pobres, vestirão ce tins em vez de panos grossos!

# O DELATOR

Entre os descontentes, capazes de prestar serviços á revolução, estava o coronel Joaquim Silverio dos Reis, que ao chegar á Vila Rica havia gozado, decerto por ser de familia fidalga de Leiria, de uma larga proteção dos governadores, mas que agora se voltava contra eles, ameaçado tambem que estava da cobrança de altas somas devidas ao fisco.

Dono de terras e escravos, se tinha transformado em contratador de varios serviços publicos, empresa em que fracassara lamentavelmente por isto ou por aquilo. Na verdade devia ainda ao governo 172 contos, e apesar dos pagamentos feitos pouco antes, reduzindo a divida, que era de 220 contos, estava intimado pelo visconde de Barbacena a entrar com o resto dentro de um praso curto ou a ver-se penhorado.

Daí, sem duvida, os boatos correntes de que seria tambem privado do comando do regimento auxiliar que fardara por sua propria conta.

O sargento-mor Luis Vaz de Toledo Pisa, em cuja casa ia chorar suas maguas, achou que ele podia ser util com os seus soldados à luta que se avizinhava.

— Se nos ajudar a vencer, creio que suas dividas serão perdoadas...

— Mas ajudar em que?

— Na independencia do Brasil, que ficará sendo uma republica.

— Ora, trata-se de um sonho vago, que não é para um homem que já está com a corda no pescoço...

— Veja este aviso do governador geral: é o ultimo. Ficarei sem um vintem de meu...

— Pois o desembargador Tomaz Antônio de Gonzaga tambem já aderiu e está escrevendo com outros as leis do novo regime.

Cintilou o olhar de Silvério, diante da revelação sensacional.

— O desembargador?

— E Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga, o padre Carlos, o padre Rolim, o tenente-coronel Francisco de Paula... Uma das primeiras medidas da revolução será a decretação de uma ampla anistia fiscal!

— E' uma maravilha! E' inacreditavel!

Diante dessa alegria, talvez mal dissimulada, o sargento-mor compreendeu que tinha avançado muito. Silvério era um dos seus melhores amigos, um dos seus amigos mais intimos, mas era tambem um fidalgo português... E por isso mesmo, ao se despedirem, o advertiu do que a delação, por qualquer um deles, equivaleria á morte do traidor...

A caminho da casa do fazendeiro e capitão José de Resende Costa, que o convidara para jantar, o coronel Joaquim Silvério foi maquinando os seus planos, nessa situação nova que lhe brindava a revelação do amigo. Passaria, sim, como um revolucionario convicto e entusiasta, pediria tarefas perigosas, e quando estivesse a par de todos os segredos dos conjurados iria denuncia-los ao visconde de Barbacena. Em troca, teria o perdão de suas dividas e mais a fama, na côrte lisboeta, de haver livrado a rainha dos que desejavam priva-la nada menos que da sua colonia mais rica...

O padre Carlos de Toledo, irmão do sargento-mor, foi dos que acreditarem nele e dos cue lhe falaram com maior entusiasmo da capacidade revolucionaria de Triadentes, homem tão ligado ao povo, sempre a espalhar no meio dele a esperança do início de uma vida nova e melhor para os brasileiros.

— Em março o alferes seguirá para o Rio de Janeiro, onde vai entrar em contacto com os seus conhecidos...

Era o suficiente.

Só lhe faltava Tiradentes, mas o alferes, capaz de maiores expansões entre homens do povo, era mais parco de palavras, nesse particular, com aquêles em quem não confiava muito.

Mas o fundamental o delator já sabia, e foi assim que a 3 de março se sentiu, afinal, autorizado a visitar o governador na sua casa de Cachoeira do Campo e avisa-lo do que se passava.

— Fique alerta — foi a recomendação que teve — e conte-me tudo por escrito.

Escrita a denuncia a 11 de abril, foi apresentada a Barbacena a 19, vespera da partida do delator para o Rio, ao encalço de Tiradentes.

Não foi Silvério, porém, o unico: os outros compatriotas seus tambem tomaram parte na delação, levando ao conhecimento do governo atividades que lhes pareciam suspeitas, conversas escutadas aqui e ali, mas sem a riqueza de detalhes intimos que havia em Silvério, porque de todos era o unico que tinha conseguido viver alguns dias dentro da propria conspiração.

Aqui está, por exemplo, em resumo, o relatorio do português Basilio de Brito Malheiro Lago, com lavras de ouro no Serro Frio. Bastam suas palavras aqui dadas em resumo, para que se veja como os inconfidentes atuavam e, em especial, como Tiradentes fazia no seio da massa a propaganda revolucionaria identificado que estava, mais que os outros, com os seus anseios, dada sua longa convivencia com o povo desde os seus tempos de mascate, dentista, e medico amador, minerador e comandante de rondas volantes:

— Ouvi nos mineraçõeS conversas vagas sobre um levante a estourar, e indo á casa do sargento-mor José Joaquim da Rocha lá encontrei o alferes Xavier, mais conhecido por Tiradentes, que falava mal do dominio português

no Brasil. "Não fale assim! — aconselhei-o eu, mas o alferes limitou-se a retrucar: "Ah! Fossem todos do meu genio, e isto mudaria logo"! Na casa do tenente-coronel José Pereira Marques o doutor Alvarenga usava de linguagem igual á de Tiradentes, falando em rios de sangue. O capitão Vicente Vieira da Mota disse-me que os brasileiros queriam ser livres. Soube que assim tambem se expressavam figuras como o doutor Cláudio Manuel da Costa, o padre Rolim, o padre Carlos de Toledo e o próprio desembargador Gonzaga. Para certificar-me de tudo procurei o doutor Claudio, meu velho amigo, que me declarou: "E'... Mas em Minas não há gente. Os norte-americanos são hoje felizes tiveram três homens formidaveis! Aqui temos apenas um, Tiradentes! Creio porém, que vão acabar cortando-lhe a cabeça". O pregador sacro conego Vieira disse-me que o Brasil já devia ter proclamado a sua independencia, porque nada justificava pertencesse o país aos reis de Portugal, que nenhum esforço tinham despendido para conquistá-lo. Quando os holandeses se apoderaram do norte, foram os brasileiros que enfrentaram a morte para restitui-lo á coroa portuguesa. Quando os franceses ocuparam o Rio de Janeiro, ainda coube aos brasileiros resgatar a cidade para ofereće-la de novo á corte de Lisbóa! Depois, cautelosamente, surpreendi Tiradentes falando a um grupo de soldados e civis brasileiros no fundo de uma loja em Vila Rica. Tinha na mão um mapa e outros escritos, tudo obra dele mesmo, e discursava deste jeito: "Vejam que contra-senso! Um povo de mais de 400.000 almas açoitado por um só homem estrangeiro..."

Tivesse Basílio de Brito acompanhado de perto os passos do maior dos inconfidentes e haveria tambem de surpreende-lo dizendo coisas parecidas, na sua viagem para o Rio, na fazenda do capitão João Dias da Mota, logo convertido num partidario da causa republicana, com os seus amigos das vizinhanças, e nas estalagens onde os brasileiros de "fracas-roupas" se reuniam, para descansar das caminhadas e do trabalho.

— O que não seria um Brasil liberto e republicano, com suas fabricas em funcionamento, universidades, escolas, imprensa, hospitais, e uns premios em dinheiro ás mulheres que tivessem muitos filhos! O proprio povo, como nos Estados Unidos da America, elegendo os governos! O povo, por fim, usando cetins em vez de panos grossos

E sempre que havia uma oportunidade tirava do bolso o preambulo da declaração de independencia dos norte-americanos, escrita por Tomaz Jefferson, mandado traduzir para isso mesmo, e o lia com entusiasmo.

— Vejam! Foi o que fizeram os norte-americanos, que já são um povo livre, rico e prospero! "Quando no curso dos acontecimentos humanos necessita um povo desatar os laços politicos que uniram a outro, e tomar entre as nações da terra lugar à parte e igual ao que lhe dão direito as leis naturais e as do Deus da Natureza, o respeito à opinião da humanidade o obriga a declarar as causas que o decidem à separação. Julgamos evidentes por si mesmas estas verdades: todos os homens nasceram iguais; estão dotados pelo Criador de certos direitos inalienaveis; entre esses direitos se contam a vida, a liberdade e o da procura da felicidade. Estabeleceram-se governos entre os homens para garantir esses direitos, e o poder do governo emana do consentimento dos governados. Sempre que uma forma de governo chega a ser a negação desse fim, o povo tem o direito de muda-la ou de aboli-la e de estabelecer um novo governo, baseando-o nos principios e organizando-o na forma que julgue mais adequada para dar-lhe segurança e bem-estar. A prudencia ensina, na verdade, que não convém mudar por causas pequenas e passageiras os governos estabelecidos de longa data, e a experiencia de todos os tempos mostra, com efeito, que os homens se acham mais dispostos a tolerar os males suportaveis do que fazer justiça a si mesmos, abolindo as formas a que estão acostumados. Mas quando uma larga serie de abusos e usurpações, que tendem invariavelmente ao mesmo fim, marca o proposito de submetê-los ao des-

potismo absoluto, têm o direito, têm o dever de rechaçar esse governo, e de prover, com novas salvaguardas, a sua segurança futura"...

E comentava sempre, certo de que o seu era o pensamento do povo:

— E' exatamente o nosso caso! E nós não seremos menos dignos dos nossos destinos do que os filhos da Nova-Inglaterra!

# A DERRAMA E AS PRISÕES

Conspirava Tiradentes no Rio de Janeiro em abril, alheio por completo ás sinistras intenções de Joaquim Silvério, que ele tambem considerava seu amigo, e já desde o dia 23 de março que a derrama tinha sido suspensa, sem que ele o soubesse, pelo visconde de Barbacena. E com a derrama posta de lado todos os planos da inconfidencia — pelo menos os planos baseados nela — ruiam por terra fragorosamente. Acalmado o povo por algum tempo, posto de lado o tremendo assalto do fisco aos seus bens, os tumultos generalizados não poderiam ser provocados com exito, e sem eles como sair á conquista do poder?

Fazia semanas, por isso mesmo, que a intranquilidade reinava entre eles, temerosos de que a suspensão tivesse sido motivada por alguma denuncia do que se tramava.

No dia 5 de abril Alvarenga Peixoto foi fazer uma visita ao governador, com quem mantinha relações, e voltou preocupado com certas alusões, com certas indiretas que lhe fizera o visconde, homem de muitas leituras, mais preocupado talvez com os seus entretenimentos intelectuais que com a administração, mas cumpridor fiel tambem, por outro lado, das instruções recebidas para a salvaguarda dos interesses fundamentais .do reino.

O padre Carlos de Toledo achava logica a hipotese de uma delação.

— E se delator houve só pode ser Joaquim Slivério...

— Silvério por que?

— Por algo é que o chamam de Joaquim Saltério...

A confirmação dos rumores obteve-a o coronel de auxiliares Francisco Antônio de Oliveira, que alarmado pediu a

Alvarenga fossem logo os dois á presença de Barbacena contar-lhe a verdade para o bem de todos.

— Tem ele boa índole, e poderá assim evitar maiores castigos...

Achou bôa Alvarenga a sugestão, e é provavel que tivesse vestido suas roupas de cerimonia para a visita ao governador se a isso não se houvesse oposto Bárbara Heliodora sua mulher, de temperamento tão altivo e contraria, portanto, a uma capitulação dessas diante dos "odiosos reinóis".

—Agora virão os castigos — diziam os que estavam em Vila-Rica, indecisos diante do inesperado. Tiradentes no Rio de Janeiro, os outros espalhados pelo interior, eles não sabiam, realmente, o que fazer nessa grave emergencia.

Uma noite, a de 17 para 18, algo de raro acontecia: era um vulto misterioso, vestido de mulher, a cabeça encoberta por um enorme chapéu, batendo ás portas de todos eles e dizendo-lhes que fugissem:

— Tiradentes foi preso no Rio!

E no dia 20, realmente, a prisão de Tiradentes era confirmada por um emissario do vice-rei, portador tambem de ordens ao governador relativas aos demais inconfidentes de acordo, sem duvida, com as revelações de Joaquim Silvério. ,

O primeiro a ser detido foi o desembargador Tomás Antônio de Gonzaga. No dia 22 sua casa era invadida por um grupo de soldados, e horas depois algemado, seguia ele para o Rio, a cavalo, com numerosa escolta. Outra escolta, esta sob o comando do coronel Xavier de Resende, prendia nesse mesmo instante o coronel Domingos de Abreu Vieira, conduzido enfermo para a cadeia local, porque seu estado não lhe permitia viajar. Em casa tambem foram presos o tenente-coronel Francisco de Paula, em Vila-Rica, e Alvarenga Peixoto em Campanha do Rio Verde.

Alguns não quiseram entregar-se. O padre Carlos de Toledo, arregaçando a batina, embrenhou-se pelo mato a

dentro, para só ser encontrado dias depois, e tambem ele desceu a serra algemado. Seu irmão, o sargento-mór Luis Vaz de Toledo Pisa, foi cercado e preso por um piquete no caminho de Serro Frio, onde pretendia juntar-se ao padre Rolim.

Do padre do Distrito Diamantino se pode dizer que caiu lutando. Sua intenção, ao saber das prisões, era sair para a Bahia, e por isso se escondeu numa choupana á espera de que a barba crescesse.

Localizado, não se entregou. Descoberto adiante por outra escolta, atacado a tiros, escapou de novo, perseguido durante dois ou tres dias, até que lhe faltaram as forças...

Cláudio Manuèl da Costa perdia a vida na prisão por essa época, e de um modo estranho, num suicidio que nunca se soube se foi verdadeiro ou simulado pelos seus carcereiros. O grande poeta estava gravemente enfermo quando foram busca-lo no dia 25 de maio. Tiveram que leva-lo em padiola para o calabouço infecto, onde permaneceu, apesar de tudo, rigorosamente incomunicavel. As unicas vozes que ouvia eram as dos bèleguins reinóis, comentando de proposito, nas proximidades, que triste seria o fim de todos esses "loucos, miseraveis conjurados", aos quais a justiça da côrte aplicaria penas tremendas...

Sete dias depois foi que o interrogaram. Ao amanhecer, no outro dia, estava morto. O auto do corpo de delito — unico depoimento que ficou da tragedia e que foi escrito pelos seus algozes — diz que encontraram "o cadaver de pé, encostado a uma prateleira, com um joelho firme a uma tábua dela, com o braço direito fazendo fôrça em outro tábua, na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado, atada à tábua, e a outra ponta com uma laçada, e nó corrediço deitado ao pescoço..."

As declarações dele arrancadas — delação, arrependimento, elogios a Barbacena — não foram aproveitadas pelo desembargador Coelho Tôrres, representante da Justiça do

rei na capitania. "Trata-se de uma peça de nenhum val
juridico, incapaz de figurar nos autos deste processo".

E Francisco Ribeiro de Andrade, chefe da escolta d
milicias da prisão, acabou por informar, já na sua velhic
que naquela noite ele e seus companheiros foram afast
dos dali e das redondezas, para que outras pessoas, da mai
confiança do governo, se entendessem com o preso.

E' no que coincidem os historiadores do caso: que
enfermo ilustre e já idoso, forçado, não resistiu a essa sém
na de terror criada em torno dele, no isolamento do cal
bouço, e morreu ao ser forçado a dizer o que não senti
E para que ficasse a impressão do suicidio foi que o cad
ver apareceu como estava descrito no corpo de delito.

Em junho os acusados principais já estavam todos n
calabouços do Rio de Janeiro, e os interrogatorios começ
vam, completados com repetidas acareações. Eram ele
além dos já citados, o conego Luis Vieira, o padre Manue
Rodrigues de Castro, o capitão José de Resende Costa e se
filho, o padre José Lopes de Oliveira, Salvador Carvalho d
Amaral Gurgel, Domingos Vidal de Barbosa, o coronel Jos
Aires Gomes, o coronel Francisco Antônio de Oliveira Lope
etc. E as prisões, em Minas e no Rio, iam a mais de 10(
de mistura com uma devassa generalizada que se prolo
gava por meses e meses, inquietando e aterrorizando a p
pulação brasileira.

O regime a que estavam submetidos — e o process
se arrastou por três anos — era o pior possivel. Segregado
de suas familias, que lá ficavam abandonados á sua propri
sorte, nos altos da Mantiqueira, viviam inocmunicaveis no
seus cubiculos sombrios, quase sem luz e sem sol, longe d
todo e qualquer contacto com a vida, proibidos de receb
uma carta, um livro ou de trocar, sequer, uma palavra cor
o soldado que lhes rondava á porta com pesados cadec
dos, sempre fechada.

Para escrever seus poemas á Marilia, Gonzaga improvisava tinta com a fumaça e o azeite de sua lamparina. E Alvarenga, saudoso de Bárbara Heliodora e da filha, chegava a fazer versos a Barbacena, na esperança de abreviar o seu tormento...

Há quem diga ainda hoje que eles não souberam, quase todos, manter-se á altura nesses longos anos de sofrimentos, porque a verdade é que seus depoimentos nem sempre foram dignos do papel que representavam na historia do Brasil.

Mas essas foram, na verdade, debilidades que devemos compreender e justificar. Tratava-se da experiencia inicial dos brasileiros nesse terreno, arduo, dificil e perigoso, e natural era, portanto, que muitos deles se amedrontassem da responsabilidade imensa que haviam assumido de enfrentar nada menos que o odioso poderio da metropole estrangeira.

E contentemo-nos, nisso tudo, com o papel que Tiradentes desempenhou. Ele simbolizava, na inconfidencia, as qualidades melhores do povo que surgia para os seus grandes destinos, e feliz do povo que na America feudal, no seculo 18, já podia ser representado por um homem dessas magnificas qualidades heroicas.

# O HERÓI NO CALABOUÇO

Preso a 10 de maio de 1789, recolhido sob algemas a um cubiculo da fortaleza da ilha das Cobras, Tiradendes foi submetido ao seu primeiro interrogatório doze dias depois. Não tinha ainda a barba crescida — essas suas longas barbas da prisão — e era com a maior serenidade que ele encara a encenação destinada a amendronta-la.

— Por que pretendia fugir do Rio de Janeiro? — foi a pergunta inicial dos inquisidores.

— Porque tivè noticia de que dois soldados, sob disfarce, andavam a seguir-me os passos. Soube que o vice-rei queria prender-me, em virtude de calunias que se levantaram contra mim.

— E como explica esta sua viagem, quando aqui ainda esteve no ano passado?

— Requeri há tempos ao governo uma concessão sobre novas águas para a cidade ,e como fui informado de que o despacho já se achava com o vice-rei, desci a serra para ver o que tinha sido resolvido.

— E por que andou falando com tanta gente a portas fechadas?

— Isso era em razão da minha prenda de tirar e pôr dentes.

Perguntavam e ele negaceava sempre, fiel ao compromisso que todos haviam assumido em Vila-Rica de nada dizer em caso de prisão.

Mas insistiam, relembrando, por exemplo, suas frequentes referencias ao exemplo dos americanos do norte, exemplo que os brasileiros deveriam seguir...

— Só se estivesse bebedo é que poderia falar coisas assim tão disparatadas... E com quem falei eu, segundo os senhores? Com pessoas sem nenhum valor para tanto.

— Diga a verdade! A verdade!

— Mas isso seria uma quimera, e nem eu sou pessoa para tal tarefa: não tenho figura nem riqueza para persuadir o povo...

— Que entrem as testemunhas!

E entraram o coronel Joaquim Silvério e o ajudante Nunes Carneiro para a primeira acareação.

Silvério falou durante meia hora, confirmando, e com maiores detalhes, sua denuncia por escrito ao governador da capitania e suas repetidas denuncias verbais ao vice-rei. E desviando sempre os olhos do sereno acusado, que não cessava de fita-lo com espanto, como se estivesse a dizer consigo mesmo: "E esse era o homem que eu tinha na conta de amigo..."

Os inquisidores julgavam-se já vitoriosos, agora:

— Confessa, afinal, depois dessas provas arrasadoras?

Tiradentes limitou-se a responder ,olhando com desprezo para o delator:

— Nada há de verdade no que acaba de dizer o coronel Joaquim Silvério, Ele mente.

E ficou nisso, recusando-se a fazer novas declarações e a responder a novas perguntas.

O segundo interrogatorio realizou-se a 27 de maio e deu tambem resultado negativo. A conspiração não existia. O que havia — isto sim — eram conversas de simples entrenimento, coisa natural ás vesperas de uma anunciada derrama de tão vastas proporções. E, de fato, ao proprio Joaquim Silvério ele mesmo tinha dito, certa vez, que vexar o povo era má politica, "porque podia ele fazer o que fizeram os novos-ingleses, principalmente se se chegasse a um acordo com os paulistas e os cariocas".

Um terceiro interrogatorio, de novo na presença de Joaquim Silvério, a 30 de maio, nada resólveu tambem.

Cinico, abjeto, o delator falou:

— Tiradentes revelou-me há quase um mês que estava desiludido com os cariocas, que não passavam de uns bananas, e que voltaria para Minas a fim de deflagrar ali o movimento mesmo antes da derrama...

— E' mentira! — respondeu, e silencioso depois se manteve diante das perguntas dos inquisidores.

A esta altura todos os outros já estavam presos tambem, mas ele ignorava tudo. E como havia entre eles um compromisso de honra, um juramento, da sua boca nada sairia que fosse comprometedor, apesar de todas as ameaças apesar de todos os sofrimenteos no calabouço sombrio.

---

Quando voltaram a abrir-se as pesadas portas da sua prisão, para que ele fosse outra vez á presença dos homens da justiça, sete meses e meio haviam passado: era no dia 18 de janeiro de 1790, e nas suas algemas, e com a barba a tocar-lhe quase o peito, ele não sabia que na França a Bastilha já tinha caído e que um mundo novo, igual ao que ele sonhava para o Brasil, estava nascendo na Europa...

— Suas constantes negativas anteriores — disseram-lhe os juizes — não se justificam mais. Já não há segredos para a justiça real nesta conspiração. Todos confessaram seus crimes, quase todos o comprometeram.

E foi só então, quando todos já tinham confessado, que ele por fim falou, e para dizer que o movimento ia ser feito, realmente, mas que o 'responsavel era ele, que ele é que tinha idealizado tudo e todos os planos, que os outros tinham aderido a convite dele, persuadidos por elel

Duas semanas depois foi chamado outra vez e para dar detalhes sobre a participação, na inconfidencia, do desembargador Tomás Antônio de Gonzaga, cuja confissão pa-

recia falha aos inquisitores. Sabia-se que as relações entre os dois não era das mais cordiais. Não se hostilizavam, mas tambem não se estimavam.

— E porque procurou defende-lo?

— Não usei senão da verdade, no meu depoimento. A unica vez que notei a presença do desembargador Gonzaga entre nós foi certa noite, na casa do meu tenente-coronel Francisco de Paula. Cuidávamos da bandeira republicana, quando ele entrou na sala. E mudamos logo de assunto.

— Nada mais?

— Nada mais posso informar-vos sobre o desembargador Tomaz Antônio de Gonzaga.

A justiça real era, porém, insaciavel com seus interrogatorios continuos e persistentes, cheios de indagações interminaveis, pontilhados de armadilhas perigosas. Quando os juizes não venciam pelo cansaço e pela astucia, teimavam em impor-se pela violencia, pelo insulto, pelas torturas. Por isso em junho de 1791 — mais de dois anos depois da prisão dos inconfidentes — o processo não estava ainda terminado, e a repressão persistia.

Foi quando quiseram que ele comprometesse a viuva Inácia Gertrudes e o padre Inácio Nogueira, seu sobrinho, que o tinham ajudado a esconder-se na casa do ourives da rua dos Latoeiros.

— Confessa: que especie de relações mantinha com eles?

Explicou tudo: que se tratava, da parte deles, de um mero sentimento de piedade por um homem que julgavam perseguido injustamente.

— Pobre gente: deixem-na em paz...

E como se tudo ainda não bastasse, voltou a ser acareado, a 22 de junho, com o coronel Francisco Antônio, com Alvarenga e com o padre Carlos, a 4 de julho com Domingos de Abreu Vieira, a 7 com o tenente-coronel Francisco de Paula e o padre Carlos e a 15, novamente, com o padre Car-

los — e sempre dizendo que tinha sido e que era o responsável maior por tudo.

Em outubro, finalmente, a acusação dava por terminada a sua tarefa, indicando, dentre os numerosos presos, os que deviam ser submetidos, como culpados, ao julgamento da Alçada: eram 30 menos Cláudio Manuel da Costa, morto na prisão em Vila-Rica.

E para defende-los se destacara um advogado só — Luis Alves da Rocha, da Santa Casa de Misericordia. E o prazo concedido aos acusados, para apresentar sua defesa, era de 5 dias apenas — o tempo que gastariam, talvez, só para ler tudo quanto contra eles se articulava nos autos volumosos...

Os membros da Alçada, nomeados pela rainha Maria Pia para ditar as sentenças, só chegaram ao Rio de Janeiro em dezembro pela fragata "Golfinho", que tambem trazia o brigadeiro Pedro Álvares de Andrade, com a incumbencia de transferir o regimento de Extremós para Vila-Rica e de assumir ali o comando da guarnição.

Instalava-se o tribunal de exceção, e o primeiro ato dos juizes era chamar para a sua companhia, como informantes, os delatores principais do movimento: Silvério, Brito Malheiro e Pamplona.

O exame do processo terminou em janeiro, mas a sentença, ruminada vagarosamente, só se tornou conhecida em abril — a 18 de abril de 1792, quase três anos depois das prisões de todos eles.

Na vespera — dia 17, altas horas da noite — foram eles transportados dos calabouços e dos "segredos" da Relação e da Ordem Terceira da Penitencia para a cadeia publica. Iam aos grupos, debaixo de aparatosas escoltas, menos os padres, que estes teriam julgamento á parte e secreto, dependente da rainha, dado o grande fervor religioso dessa mulher de poucas letras e maus costumes que em Lisboa levava boa vida á custa da escravidão dos brasileiros.

Quando entraram na sala do oratorio um mau pressentimento os assaltou: lá estavam onze frades franscisca-nos, prontos para consola-los.

A guarda tinha sido triplicada, e rondava as proximidades, de armas embaladas.

Ás oito horas da manhã reuniu-se a Alçada, sob a presidencia do vicerei, para lavrar a sentença. Foi um trabalho vagaroso, que só terminou ás 2 horas da madrugada do dia seguinte, quando apareceu no oratorio o mensageiro que deveria transmiti-la aos condenados. A leitura, mesmo a toque de caixa, durou quase três horas. Postos entre soldados e frades, algemados, eram agora irreconheciveis, depois de tantos e tão longos sofrimentos: tinham envelhecido, suas faces estavam marcadas de infinitas amarguras. Que teria sido feito de seus filhos, de suas familias, de seus amigos? Nada sabiam: eram como mortos vivos, os olhos desabituados já de ver a luz...

O mensageiro foi dizendo então bem alto, que não se perdessem suas palavras:

Tiradentes seria levado pelas ruas, com baraço e pregão, até á fôrca onde haveriam de tirar-lhe a vida, sendo-lhe depois cortada a cabeça e remetida em salmoura para Vila Rica, e ali exposta até que o tempo a consumisse, a fim de que sua rebeldia, assim castigada, servisse de exemplo... Seu corpo, retalhado em quatro postas, seria atirado pelos caminhos de Minas, que percorreu propagando a ideia da independencia do Brasil...

Sua memoria seria declarada infame, como infames seriam seus filhos e netos...

Os seus bens seriam sequestrados, demolida a sua casa e salgado o terreno onde se levantava, para que nele nenhuma outra se construisse, e sobre as ruinas seria erguido um marco, que recordasse eternamente ao povo o crime hediondo que cometera.

Francisco de Paula Freire de Andrade, José Alvares Maciel, Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu, Francisco

Antônio de Oliveira e o sargento-mor Luis Vaz de Toledo Pisa morreriam tambem na fôrca, e além deles Salvador Gurgel do Amaral, Domingos Vidal de Barbosa e os dois Resende Costa, pai e filho — e sua memoria declarada infame, seus bens sequestrados, etc.

Seriam degredados para a costa da Africa, e para sempre, e enforcados se voltassem, o capitão João Dias Vicente da Mota, o desembargador Tomás Antônio de Gonzaga, o coronel José Aires Gomes, José da Costa Rodrigues e Antônio de Oliveira Lopes.

Vitoriano Gonçalves Veloso seria açoitado em publico, dando três voltas ao redor da fôrca, e degredado depois para a Africa. Fernando José Ribeiro seria degredado sem açoites e José Martins Borges açoitado e metido durante dez anos nos calabouços. Francisco José de Melo e Manuel de Sá Pinto do Rêgo Fartes, mortos na prisão, eram excluidos do processo...

Apoderou-se o maior dos desesperos de todos eles. Sereno, imperturbável, só Tiradentes:

— Eu sou o culpado. Se tivesse dez vidas, da-las-ia contente para que eu apenas padecesse todos os castigos...

Tinham, todos eles, gargalheiros de ferro ao pescoço, e grossas e pesadas correntes atavam seus pés e suas mãos ás grades.

As sentinelas passavam, de armas embaladas, e os frades rezavam coisas complicadas em latim. Nas ruas movimentavam-se tropas por todos os lados. Os pontos estrategicos da cidade eram ocupados. Os navios não podiam deixar o porto. O povo se conservava dentro de casa. E no lugar da execução erguia-se uma fôrca enorme, á espera de suas vitimas numerosas...

No entanto, muitas dessas sentenças não eram senão um recurso para infundir o terror, para que dele se aproveitasse depois a rainha num golpe demagogico. Porque a verdade é que em Lisboa já tinha ficado combinado que só um deles — Tiradentes — morresse na fôrca. Marchava,

com efeito, a revolução na França, e não era de boa política atentar de tal maneira contra os brasileiros.

Horas mais tarde, realmente, divulgava-se uma carta da rainha, poupando a vida da maioria dos condenados, e a noticia, correndo de bôca em bôca, ia logicamente fazendo com que se dissesse que a casa reinante não era o que se pensava.

— Para tamanha sedição, um enforcado apenas, e, afinal de contas, um pobre alferes, simples filho do povo...

E no oratorio?

A mudança foi radical. Como se o degredo perpetuo fosse para eles agora a propria felicidade, o desejo que tinham era de abraçarem-se mutuamente, afastada que estava a visão sinistra da fôrca...

Era a 19 de abril de 1792.

Á noite, enquadrados pelas escoltas, livres das correntes, mas ainda algemados, foram de novo para as suas velhas prisões, a caminho da costa da Africa, onde Alvares Maciel, sempre fiel aos seus propositos progressistas, montaria em pequeno estilo a industria siderurgica que não podia mais montar em grande estilo na sua terra querida...

Só ficou Tiradentes, em correntes e algemas, sorrindo para os que partiam, dizendo-lhes que tivessem boa sorte:

— Parabens... parabens...

A execução deu-se num sábado pela manhã, a 21 de abril.

Por ordem do vice-rei, a cidade tinha a ornamentação dos dias festivos. Colchas vistosas pendiam das janelas e das sacadas. Soldados de fardas de gala punham bizarros coloridos na movimentação das ruas. As tropas estavam sob o comando do brigadeiro Pedro Álvares de Andrade, vindo de Lisboa, montando um cavalo de raça. No largo de São Francisco ficou o regimento de artilharia, na praça do palacio o regimento do Moura, e o regimento de cavalaria desdobrou-se em dois, um grupo precedendo o reu, outro for-

mando ás suas costas na lenta procissão que o levou ao patíbulo.

Na praça onde se achava a fôrca, tão alta que as sues escadas se compunhám de vinte degráus centenas de soldados formavam um quadrado, e por trás deles o povo se apinhava, impressionado com todo esse aparato belico por causa de um homem sòzinho, que lá ao longe surgiria em breve e que há três anos, quase, vivia imobilizado num calabouço...

Como são perigosos realmente, para os que persistem em prolongar a vida daquilo que a historia já condenou, os que encarnam as ideias fecuñdas que têm por aliado o proprio futuro, o tempo que há de vir...

— —

O algoz entrou cèdo no oratorio para vestir-lhe a alva e colocar-lhe o longo baraço ao pescoço ,e como era de praxe lhe pediu perdão pelo que ia fazer.

— Amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos — respondeu Tiradentes — e acrescentou, consciente do papel que estava desempenhando nos destinos do Brasil:

— Cristo morreu por nós numa cruz...

Ás oitos horas formou-se a procissão. Cercando o herói, que levava, algemado, um crucifixo nas mãos, caminhavam lentamente nove frades, e ao longo do cortejo outros muitos 'e gente de opa, estandartes religiosos, meirinhos, juizes, ministros, desembargadores, soldados e com eles — simbolizando, o conjunto, a opressão da metropole sobre a colonia explorada — a carreta que receberia o corpo, depois de retalhado em quatro postas...

Diante da fôrca ele não se perturbou, e subindo depressa os degraus toscos pediu ao algoz que apressasse c sacrificio.

Mas faltava ainda uma formalidade, e cumpriu-a frei José Jesus Maria do Desterro recitando o Credo em voz alta para que o herói com ele o repetisse.

Mal repetiu a ultima palavra — amen — e o carrasco o empurrou para o vazio para cavalgar-lhe em seguida o corpo, que ficou imovel, pendurado á fôrca...

"Nem por pensamento — disse então frei Raimundo de Penaforte tirando o povo do seu estarrecido espanto — detraias o teu rei, porque as mesmas aves levarão a tua voz e publicarão o teu juizo"...

E de noite, na igreja dos Carmelitas, houve solene Te Deum, pontificando o bispo e rendendo o pregador sacro graças a Deus por ter fracassado o levante e por ter sido a colonia livre do contagio das ideias profanas de republica...

## NÃO ERA UM SIMPLES SONHO...

Nada mais falso — por tudo quanto vimos — do que dizer que os inconfidentes e com eles Tiradentes não passavam de poetas e sonhadores, que conspiravam levados por mero sentimentalismo e sob a influencia de leituras revolucionarias importadas do velho mundo.

Eles sabiam o que queriam e tinham um programa a realizar que correspondia á realidade da época, sobretudo em Minas Gerais: um programa que se baseava (e disto mal cogitaram depois muitos dos animadores da independencia e da propria republica) na instalação de numerosas fabricas de ferro, no que hoje se chama siderurgia.

Cinço anos depois do enforcamento do largo da Lampadosa recebia o mineralogista José Vieira do Couto, a serviço da côrte mas com o pensamento voltado para o bem do Brasil, a incumbencia de apresentar á rainha um relatorio circunstanciado sobre as riquezas da terra e a melhor maneira de aproveita-las, no interesse da metropole. E o caminho que ele apontava era o mesmo das primeiras conversas de José Álvares Maciel com Tiradentes, era o caminho que a inconfidencia tinha escolhido.

Lá está, com efeito, na sua "Memoria sobre a capitania de Minas Geraes", terminada de escrever no Tejuco a 3 de janeiro de 1799: o ferro "é imenso: acha-se acumulado em montes, em lastros, que ocupam leguas inteiras de terreno, em vieiros, e espalhados solitarios sobre a terra". E depois de dizer que havia tambem estanho e cobre e chumbo: "Temos visto um territorio rico em produções metalicas, e até hoje em dia a nossa mineração não se tem estendido mais que á do ouro. Esta mesma diminue a passos contados, e é um reclame geral que tudo está já lavrado e esgotado..."

Porque existia o ouro dos rios e o dos montes. O dos rios era facil de ser recolhido. Bastava o braço escravo trabalhando com as bateias. Mas dele pouco restava. O dos montes era necessario ir busca-lo dentro da terra, cavando fundo, com o auxilio de instrumentos pesados e caros de ferro e muita mão de obra. E atacar os montes, fazer voltar a mineração ao seu esplendor antigo e ir além ainda era tambem, portanto, uma das funções do ferro que vivia abandonado *á flor da terra*, no dizer constante de Tiradentes.

E José Vieira do Couto escreveria na sua "Memoria" poucos anos depois da morte do herói:

"O ferro, este metal tão necessario a todas as artes, a todos os oficios, que rasgando a terra obriga a esta a ornar-se de uma verdura mais amena e alegre, e a desentranhar-se em dons e riquezas, que, levado ás nossas fronteiras mostra aos nossos inimigos um muro inconquistavel, a morte e o espanto, este metal, mais precioso ao homem do que o ouro e a prata, é o que a Providencia derramou sobre nós com uma prodigalidade espantosa. Não sei porque fatalidade ainda até hoje não nos temos abaixado para levantarmos da terra estas riquezas, que ela tão largamente nos oferece; porque razão estamos a sustentar com o nosso dinheiro as fundições da Suécia, da Alemanha e da Biscaia, nós que as podemos arruinar todas ou ao menos tirar-lhes grande parte de seus lucros. Porque razão uma nação de necessidade mineira, como a nossa, esperará que lhe venha do fundo do norte, por um preço exorbitante, o ferro e o aço para poder trabalhar suas minas?

E elogiando o progresso das nações que já se dedicavam ás industrias:

"Conseguir-se-á isto fazendo nós, á imitação destas nações, girar por entre o povo um corpo completo da arte metalurgica".

E antevendo esse Brasil dos anceios dos inconfidentes, o Brasil novo dos seus sonhos de mineralogista tambem:

"Parece-me que já vejo um novo horizonte, um novo céu: milhares de fornalhas cobrem as planicies, que levantam espessos rolos de fumo ás nuvens; os montes já são minados, e por uma bôca estreita vomitam as suas ricas entranhas; e estrondo de mil maquinas fere os meus ouvidos; um povo laborioso, contente e alegre cobre em bandos a superficie da terra: os ricos metais, á maneira de um rio caudal, que cada vez se engrossa mais, vão demandando como a um mar o tesouro do Estado"...

---

Morreu na fôrca Tiradentes, foram os outros degredados para a costa da Africa e o silencio se fez sobre eles por uma imposição da metropole retrograda, que não queria que os brasileiros rompessem com ó seu atraso e conquistando a liberdade depressa marchassem pelas largas estradas do progresso.

Mas como era o sentir do povo que eles expressavam, nas suas conspirações, nas suas lutas, nos seus sacrificios e no programa que agitaram, possivel não foi á reação decadente impedir que suas memorias e seu heroico exemplo logo se convertesse numa nova bandeira de combate, animando, estimulando os que teriam que ser os seus continuadores.

Já então eles compreendiam, no Brasil-colonia, que o mundo é um só, e que nele, em toda a parte, a luta era tambem uma só, entre os que estavam com a liberdade, e os que desejavam suprimi-la.

E como a revolução da independencia norte-americana de 1776, repercutindo em Minas de mistura com o pensamento revolucionario dos enciclopedistas franceses, vinha animar a inconfidencia — a inconfidencia, bem brasileira, e mais a revolução francesa já passavam a ser dai em diante, e conjugadas, os exemplos que no Rio de Janeiro e principalmente na Bahia, nesse fim do seculo 18, melhor se invocavam para as nossas lutas populares pela liberdade e pelo progresso, isto é, por uma patria livre e rica.

Apesar de toda a vigilancia policial e da lembrança tragica dos castigos impostos aos conspiradores mineiros em 1792, era em torno deles que giravam todas as conversas no clube de literatura que havia no Rio e através das quais a população, á falta de jornais, ia tomando conhecimento do que se passava no mundo. E quando se falava, nas suas tertulias, dos exitos dos franceses não havia quem não comentasse (e os comentarios passavam depois de bôca em bôca):

— Foi para fazer a mesma coisa que os da conjuração mineira pretenderam levantar-se...

Nada mais natural, pois, que o clube fosse fechado e presos os que nele mais animados se mostravam, e que eram, entre outros, o professor de grego João Marques Pinto, o professor de retorica Manuél Inácio da Silva Alvarenga, o medico Jacinto José da Silva, o bacharel Mariano José Pereira da Fonseca, o operario-entalhador Francisco Antônio o marceneiro João da Silva Antunes, os trabalhadores não especializados Francisco Solano e Antônio dos Santos.

E não só no Rio fazia a policia dessas devassas e com prisões numerosas, porque era através do Brasil inteiro que o pensamento revolucionario se manifestava, nas capitais e no interior, do que é uma prova — e colhida ao acaso — o Areópago devassado em 1801 em Itambé, fronteira de Pernambuco e da Paraíba, e de onde tinha partido um emissario para a França, com a incumbencia de propor a Napoleão uma aliança que nos ajudasse a fazer a republica "no continente do Brasil".

Na Bahia foi possivel ir além, no caminho da revolução, ao ser tentada ali em 1798 a proclamação de uma republica, de que eram os propagandistas mais corajosos e consequentes dois operarios e dois soldados: os operarios-alfaiates João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira, de 17 anos, e os soldados Luis das Virgens e Lucas Dantas — todos enforcados no largo da Piedade por sentença regia e, como Tiradentes, esquartejados.

Herdeira direta da tradição da inconfidencia mineira, chamou-se inconfidencia baiana, e nela já se notava, mais do que na primeira, uma participação maior do povo trabalhador, das camadas mais pobres e sofredoras do povo, que ia assim ganhando conciencia dos seus direitos.

---

Esses e outros acontecimentos posteriores, ligados uns aos outros, serviram, e sobretudo a partir de 1820, para reanimar o processo da emancipação brasileira, e que vinha sendo na verdade um só. E de tal forma nele estava o povo e era tão popular o seu conteúdo, que muitos meses antes do gesto de Pedro I ás margens do Ipiranga já em Minas a memoria de Tiradentes era desagravada e o seu nome reivindicado pelos mineiros.

Não se pode, por isso mesmo, afirmar que na conquista da independencia, em 1822, o papel desempenhado pelo povo brasileiro foi o de simples espectador. "Nisso tudo — chegou-se a escrever — o Brasil popular podia ser representado por aquele carreiro que Pedro Americo fixou no seu quadro célebre, olhando com espanto para o principe português de espada desembainhada"...

Isso é falso. Porque essa espada desembainhada, ali e naquele instante, queria dizer precisamente que o Brasil popular estava já de pé e em marcha para a sua revolução libertadora, á maneira dos norte-americanos em 1776. E foi para evitar que isso acontecesse, que a revolução fosse popular, que no palacio se resolveu que fosse o principe que proclamasse a independencia.

---

Podiam os interesses palacianos,não-populares, fazer o que quisessem para evitá-lo, mas a verdade é que a tradição da Inconfidencia enriquecida pelo heroismo de Tiradentes, estava sempre no coração das massas, era o exemplo que as animava, a experiencia de que se valiam para marchar para a frente.

A evocação do nome do herói é a primeira coisa que se faz quando os ideais republicanos triunfam a 15 de novem-

bro de 1889, depois, de uma agitação popular das mais intensas.

Era de Tiradentes, sem dûvida, que vinha a republica e tinham que ser, pois, para ele as primeiras homenagens do povo triunfador. Que se chame Tiradentes — propõe sob aclamações o dr. Joaquim José de Carvalho — a praça da Constituição. Em nome dele — do glorioso enforcado — seus parentes Antônio Cândido, Nuno Telmo e Rafael Telmo da Silva Melo se dirigem, radiantes, ao governo provisorio. Na redação da "Cidade do Rio" reunem-se os homens de letras, os jornalistas, os representantes de varias associações, sob a presidencia de Sílvio Romero, e resolvem publicar, pela primeira vez no Brasil, o processo que a casa de Bragança contra ele mandára instaurar em 1789. Pede-se que a mesa em que foi assinada a primeira ata da conjuração e os ferros que serviram para encadea-los na prisão sejam expostos ao publico na Biblioteca Nacional. E os jornais exaltam o seu nome, não apenas os das grandes cidades, mas os das pequenas e distantes tambem, como a de Resende, no Estado do Rio, que escreveu no seu primeiro editorial da era republicana: "Tiradentes: teu vulto majestoso e sereno, aureolado de luz divina, ergue-se em apoteose resplendente, no coração da patria agradecida e reverente, que tanto amou"...

Já não era apenas um homem que sofreu pela liberdade e pela republica: era tambem — acrescentava — "a luz sacrossanto de uma ideia".

---

Mas a republica não foi o que dela o povo esperava. Quando ela nasceu, batalhões populares se improvisaram para defende-la. Anos depois se havia convertido num regime de minorias privilegiadas, ao serviço do latifundio, abrindo de par em par as portas ao capital estrangeiro colonizador. Herói vindo do meio do povo, Tiradentes tinha que ser posto de lado pelas novas oligarquias dominantes, delas nada mais merecendo que uma estátua, em que aparecia numa resignada atitude de mártir, puro e simples...

Ao povo é que caberia, pois, de novo reivindica-lo como o precursor, o pioneiro das suas lutas iniciais pela liberdade, a democracia e o progresso, porque do povo é que ele tinha vindo para dar fôrça á Inconfidencia; para leva-la cada vez mais para a frente.

Daí, logicamente, seu nome agitado outra vez aos ventos da patria no movimento nacional libertador de 1935, com os homens da Coluna Invicta e o proletariado á frente, o proletariado nas fileiras do seu partido de classe — o Partido Comunista.

E quem melhor que o proletariado, vanguarda das massas trabalhadoras, há de ser o herdeiro consequente, através dos tempos, dessas tradições de lutos populares, dessas lutas cuja finalidade no fundo nunca deixou de ser uma só, sempre a mesma, de acôrdo, é claro, com as condições do tempo e do lugar onde se desenvolviam e se desenvolvem — a conquista de uma vida melhor, de um melhor lugar ao sol, para o povo trabalhador.

E o marxismo, nessas lutas que se vêm sucedendo e entrelaçando, não é mais, portanto, do que a ciencia nova que ao serviço do proletariado e do povo foi posta para que melhor triunfassem.

E' a vantagem que os movimentos populares do seculo 20 levam sobre os dos seculos 18 e 19, no Brasil e em todo o mundo: essa vantagem de possuir sua propria teoria — a teoria marxista-leninista-stalinista do proletariado. No fim do seculo 18, Tiradentes e os lideres populares da "revolução dos alfaiates" na Bahia não contavam senão com o preâmbulo da declaração jeffersoniana, de 1776 e paginas esparsas dos enciclopedistas e de Rousseau para guia-los na conquista dos direitos do povo. Mas na época da luta contra o fascismo, na época da vitoria sobre o fascismo e da unidade democratica para a reconstrução pacifica do mundo Luis Carlos Prestes — o lider popular do Brasil — já é um dos mestres mundiais do materialismo dialetico.

# Edições Horizonte Ltda.

## UMA EDITÔRA A SERVIÇO DO POVO

AS GRANDES REPORTAGENS DA GUERRA: Cr$

"Tanks" em ação — A. Poliakov ..... 16,00
O Teatro Soviético na guerra — Henry W. Longfellow Dana .. 4,00

CLÁSSICOS DO MARXISMO:

Manifesto Comunista — K. Marx e F. Engels ..... 5,00
Luta contra o Trotzkismo — J. Stalin ..... 4,00
Sôbre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico — J. Stalin ..... ..... 4,00
Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico — F. Engels .. 6,00

PROBLEMAS NACIONAIS:

União Nacional para a Democracia — Luiz Carlos Prestes .... 1,50
Organizar o Povo para a Democracia — Luiz Carlos Prestes .... 1,50

CULTURA POPULAR:

A Arte Infantil na União Soviética ..... 4,00
Patriotismo (Teste Histórico) — N. Baltizky ..... 1,50

INFORMES:

Os Comunistas na luta pela Democracia — Luiz Carlos Prestes 4,00
Forjemos um Poderoso Partido Comunista — Arruda Camara .. 4,00

LITERATURA:

Homens e Coisas do Partido Comunista — Jorge Amado ..... 5,00

SABATINAS DE LUIZ CARLOS PRESTES:

Os Comunistas e a Religião — Luiz Carlos Prestes ..... 1,00
Os Comunistas e o Monopólio da Terra — Luiz Carlos Prestes .. 1,00

## NO PRELO:

CLÁSSICOS DO MARXISMO:

Salário, Preço e Lucro — K. Marx.

HISTÓRIA:

Três etapas na história dos EE. UU. — A. B. Magil.

BIOGRAFIAS:

Balzac — V. Gribb — Um estudo marxista.

A GUERRA DOS POVOS:

Êles morreram pela liberdade — (Cartas de "refens" franceses assassinados pelos nazistas).

PREÇO Cr$ 5,00